

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 122 — Nº 2.108 — NOVEMBRO 2004 — R\$ 4,00



Preservemos a VIDA

A Vida é o primeiro de todos
os direitos do Homem.
Só Deus, que a
concede,
pode tirá-la.



Nesta Edição:

Razões para ser contra o aborto do anencéfalo
Prevenção ao suicídio, tarefa inadiável



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 122 / Novembro, 2004 / Nº 2.108



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 45,00
Aérea	

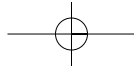
Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária – Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

Capa: Alessandro Figueredo

Tema da Capa: **PRESERVEMOS A VIDA** – como ponto de reflexão, baseado no Editorial e nos artigos contrários ao aborto do anencéfalo e ao suicídio.

EDITORIAL	4
Preservemos a vida	
ENTREVISTA: JOSÉ RAUL TEIXEIRA	10
A chance de cooperar com Deus	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	15
Na trilha de Allan Kardec – <i>André Luiz</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Entre o berço e o túmulo – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	28
Espiritismo em Pequim, via Esperanto – <i>Ismael de Miranda e Silva</i>	
Trovas do Além – <i>Isolino Leal</i>	29
SEARA ESPÍRITA	42
A presença do Consolador – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Ação e reação – <i>Orson Peter Carrara</i>	7
Proteção espiritual – <i>Mauro Paiva Fonseca</i>	9
Razões para ser contra o aborto do anencéfalo – <i>Marlene Nobre</i>	12
A distração – <i>Marcelo Paes Barreto</i>	14
A propósito dos anencéfalos – <i>Zalmino Zimmermann</i>	17
Página do caminho – <i>Albino Teixeira</i>	18
Prevenção ao suicídio, tarefa inadiável – <i>Gerson Simões Monteiro</i>	19
O suicídio – <i>Allan Kardec</i>	20
Das Gálias lugdunenses às terras mineiras – <i>Kleber Halfeld</i>	22
Sufrimento e eutanásia – <i>Emmanuel</i>	25
Selo comemora o Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec	26
Espíritas de 33 países no Congresso de Paris	30
Mensagem de Léon Denis (Texto original)	33
Liberdade com o Espiritismo – <i>Gabriel Delanne</i>	34
Um Natal decente – <i>Richard Simonetti</i>	35
Bicentenário de Kardec na FEB – Solenidade na Sede Seccional – Rio de Janeiro	36
Invocação a Jesus – <i>Francisco Thiesen</i>	37
Direito e Justiça. Direito e Moral – Um conflito a resolver <i>José Carlos Monteiro de Moura</i>	38
Congresso Espírita Paraibano	41



Editorial

Preservemos a vida

O Evangelho de Jesus é fonte permanente de orientação para todas as nossas atividades e comportamentos. No Sermão da Montanha, comentando mandamento do Decálogo (Êxodo XX), Jesus observa: *“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás. (...) Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.”* (Mateus 5:21-22.)

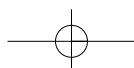
A despeito dos alertas milenares que a Bíblia nos oferece, tanto através do Velho como do Novo Testamento, os homens, de uma forma geral, insistem em atentar contra a vida, seja a do próximo ou a própria, seja eliminando-a ou abreviando-a. Não se apercebem de que toda a violência que cultivam – matando, agredindo ou humilhando –, praticada em nível pessoal, familiar ou social, retorna sempre, na forma de dor e sofrimento, gerando toda a sua infelicidade.

Quando ocorrem as tragédias, sentindo-se inseguros, os homens buscam a paz, desesperadamente, esquecidos de que a paz não se encontra pronta. Ela é fruto da nossa ação, necessita ser construída por nós e só se constrói uma paz verdadeira e duradoura através da prática do bem, tal como nos orientam os ensinamentos cristãos: *“A cada um segundo as suas obras.”*

Se a Humanidade pretende realmente eliminar a violência que grassa em seu seio, em todas as formas de manifestação – tais como guerras, terrorismo e miséria –, terá que valorizar a vida de seus membros, que são os próprios homens, começando por defender e respeitar o direito que todos têm de viver. Independentemente do seu tempo de vida física, de alguns minutos a muitos anos, e independentemente, também, dos problemas ou limitações físicas que o ser humano possa apresentar, o direito à vida deve ser sempre preservado, pois falece ao homem a compreensão integral de todo o processo da vida humana, o que torna ilícita qualquer intervenção de sua parte no sentido de eliminar ou abreviar a sua existência.

Preservemos a vida, valorizando-a e dignificando-a com a prática do Evangelho, já que os seus ensinamentos retratam com fidelidade as Leis Divinas, sintetizadas no *“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*, cuja vivência proporciona a todos o progresso necessário à construção da própria harmonia interior, na condição de Espíritos imortais que somos.

A vida é bem supremo que somente a Deus – nosso Pai e Criador –, que a concede, é lícito tirá-la.



A presença do Consolador

Juvanir Borges de Souza

Jesus anunciou claramente a vinda de um Consolador, que permaneceria para sempre com os homens.

O Consolador veio e está no seio da Humanidade, cumprindo a promessa do Cristo de Deus.

É o Espiritismo, doutrina abrangente, de cunho profundamente filosófico-moral, tornando claro o sentido da vida, ensinando a verdade, aclarando as palavras do Mestre registradas pelos evangelistas, mostrando a grandeza imensurável de Deus, o Criador do Universo infinito, e evidenciando a sabedoria e justiça de suas leis divinas.

Entretanto, apesar da evidência do Consolador entre nós, os habitantes da Terra, apenas uma pequena minoria dessa população percebeu sua presença no mundo.

A imensa população terrestre, os religiosos das diversas denominações, os indiferentes, os materialistas de várias correntes não tomaram conhecimento dessa bênção divina prometida e cumprida pelo Cristo.

Os próprios adeptos das igrejas cristãs – católicos romanos e protestantes das diversas seitas –, cujas doutrinas se baseiam nos textos evangélicos, negam a presença do Consolador, com todo o seu acervo de revelações da Espiritualidade Su-

perior, para fixarem-se nas tradições de suas igrejas e nas interpretações dogmáticas, com os prejuízos que decorrem desse posicionamento.

A Doutrina dos Espíritos, a Nova Revelação, que veio em socorro das religiões, para o restabelecimento da verdade com o conhecimento da realidade da vida, tanto no plano físico quanto no espiritual, vê-se combatida, incompreendida e até perseguida.



Isto representa a rejeição do Consolador prometido, a repetição do posicionamento do Judaísmo com relação aos ensinamentos de Jesus, agora mais claros com a didática do Espírito de Verdade e com o progresso geral da Humanidade.

A interpretação das igrejas cristãs, que vêem no Pentecostes o cumprimento da promessa da vinda do Consolador prometido, não tem consistência.

O dia de Pentecostes, em que

o Espírito Santo, atuando sobre os apóstolos cristãos facultou-lhes falar diversas línguas, é, sem dúvida, uma manifestação mediúnica admirável, demonstrando o relacionamento entre dois mundos, de forma ostensiva e extraordinária.

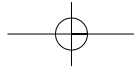
Mas na fenomenologia do Pentecostes não se cumprem as promessas de Jesus relativamente ao Consolador, cuja missão é a de elucidar os ensinamentos do Mestre Incomparável, que foram formulados, em diversas ocasiões, com sentido alegórico, pela incapacidade de entendimento de então.

Também, no Pentecostes, não há ensinamentos novos, revelações novas, de que se ocupa abundantemente a Doutrina dos Espíritos.

Eis o texto evangélico, constante de João, 14:15-17 e 26:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos – e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós porém o conhecereis porque permanecerá convosco e estará em vós. – Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e fará vos lembrais de tudo o que vos tenho dito.” (Destaques nossos.)

Há diversas ilações que decorrem desse importante texto evangélico, todas conducentes à Doutrina Consoladora. ➤



O Cristo *não ensinou todas as coisas*, quando de sua estada na Terra, pela incapacidade de compreensão dos homens daquela época.

Os próprios discípulos escolhidos tinham enormes dificuldades de compreensão de muitas coisas que se referiam à vida espiritual.

Eram necessárias a evolução geral, as descobertas científicas, a modificação da mentalidade humana, pelo menos de grande parte dos habitantes deste orbe, para que se tornassem inteligíveis conhecimentos transcendentais.

Para isso transcorreram muitos séculos, nos quais as crenças pagãs e sua teogonia foram substituídas por uma teologia mais próxima da realidade.

De outro lado, estudiosos da cosmogonia e da astronomia demonstraram que a Terra, pequeno planeta do sistema solar, está longe de ser o centro do Universo, como se entendia na Antiguidade.

Grandes conquistas foram realizadas no campo do conhecimento, da organização social, das formas de governo, da legislação humana, e das ciências e tecnologia, transformando conceitos e fundamentos antigos em encontros com a realidade, para uma melhor vivência do homem na Terra.

Deus, a Inteligência Suprema, a sabedoria onipresente no Universo e seu Criador, é hoje melhor compreendido no mundo.

O Cristo, o Governador espiritual deste orbe, já pode dirigir-se à Humanidade de forma simples e direta, eis que o progresso do raciocínio e dos sentimentos tornaram possível a convivência permanente com o Consolador.

O Espiritismo realiza tudo o que Jesus predisse do Consolador, tanto no que se refere às coisas novas, aos novos conhecimentos, que dizem respeito ao homem, Espírito imortal com muitas vivências na Terra, quanto à fé e à esperança baseadas na razão e nas eternas leis do Criador.

**A Doutrina dos
Espíritos, o
Espiritismo, o
Consolador, não é
uma doutrina
concebida pelos
homens**

O Espírito de Verdade, referido por Jesus, apresenta-se à Humanidade em linguagem límpida e direta, de grande beleza, transcrita por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo* e que os espíritos lêem e relêem com emoção e alegria, abaixo reproduzida:

“Venho, como outrora, aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divina (...).”

Essas palavras de rara beleza e realismo, não deixam dúvidas interpretativas.

É o próprio Cristo de volta, falando a seus tutelados, mostrando-lhes a necessidade da atenção de todos nós à Nova Revelação, para recuperação do tempo perdido em sucessivas reencarnações, por rebeldia aos ensinamentos do Mestre Incomparável.

A Doutrina dos Espíritos, o Espiritismo, o Consolador, não é, pois, uma doutrina concebida pelos homens, nem é individual.

É a consequência do ensino conjunto de diversos Espíritos Superiores, escolhidos e orientados pelo Espírito de Verdade.

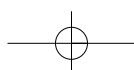
Essa plêiade de Espíritos Superiores confirma o que o Cristo já deixara expresso nos Evangelhos, aclara o que ficara ininteligível, com a interpretação autêntica dos textos, revela novas leis divinas, conjugadas com os conhecimentos que a Ciência dos homens já descobrira.

O Código Moral trazido pela Nova Revelação não só confirma tudo o que o Cristo ensinou, como ainda desdobra esses ensinamentos minuciosamente, como se pode observar na Terceira Parte – Das Leis Morais – de *O Livro dos Espíritos*.

A missão de Allan Kardec, de extrema importância, foi a de reunir, coligar, codificar os ensinamentos recebidos através da mediunidade.

Foi ele, o Codificador, o intermediário entre o Mundo Maior e os homens, para que chegasse e permanecesse o Consolador, beneficiando toda a Humanidade.

Aos espíritas desta e das gerações futuras cabe a tarefa ingente de divulgar e difundir, através de todos os meios idôneos, essa Doutrina Consoladora, para o bem geral. ■



Ação e reação

Orson Peter Carrara

O Código Penal da Vida Futura, apresentado por Allan Kardec na obra *O Céu e o Inferno*¹ (capítulo VII da Primeira Parte), é fonte de interessantes reflexões em torno da *lei de ação e reação* que rege os caminhos humanos.

Como pondera o próprio Codificador, no mesmo capítulo e com o subtítulo “Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras”, “(...) *no que respeita às penas futuras, não se baseia numa teoria preconcebida; não é um sistema substituindo outro sistema: em tudo ele se apóia nas observações, e são estas que lhe dão plena autoridade. Ninguém jamais imaginou que as almas, depois da morte, se encontrariam em tais ou quais condições; são elas, essas mesmas almas, partidas da Terra, que nos vêm hoje iniciar nos mistérios da vida futura, descrever-nos sua situação feliz ou desgraçada, as impressões, a transformação pela morte do corpo, completando, em uma palavra, os ensinamentos do Cristo sobre este ponto.*”

Preciso é afirmar que se não trata neste caso das revelações de um só Espírito, o qual poderia ver as coisas do seu ponto de vista, sob um só aspecto, ainda dominado por

terrenos prejuízos. Tampouco se trata de uma revelação feita exclusivamente a um indivíduo que pudesse deixar-se levar pelas aparências, ou de uma visão extática suscetível de ilusões, e não passando muitas vezes de reflexo de uma imaginação exaltada.



Trata-se, sim, de inúmeros exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde os mais elevados aos mais inferiores da escala, por intermédio de outros tantos auxiliares (médiuns) disseminados pelo mundo, de sorte que a revelação deixa de ser privilégio de alguém, pois todos podem prová-la, observando-a, sem obrigar-se à crença pela crença de outrem.”

Esta transcrição inicial é importante para nos situarmos no universo de observações em que se colocou o Codificador para elaboração da teoria espírita, advinda toda das revelações que os próprios Espíritos fizeram.

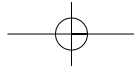
O *Livro dos Espíritos*, obra lançada em 18 de abril de 1857 com os fundamentos doutrinários do Espiritismo e organizado em forma de perguntas e respostas, teve sua Parte Quarta, com dois capítulos e exatas cem perguntas e suas respectivas respostas, totalmente dedicados ao tema das *penas e gozos, terrenos e futuros*.

No referido *Código*, que citamos no primeiro parágrafo acima, utilizaremos o 3º dos 33 itens, para orientar o desenvolvimento do tema. O texto original apresenta-se nos seguintes termos: “*Não há uma única imperfeição da alma que não importe funestas e inevitáveis consequências, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um gozo.*”

Ora, são as imperfeições ou as qualidades da alma humana que geram suas ações felizes ou equivocadas. E essas ações estão caracterizadas com o selo moral do estágio em que se situa o ser. Portanto, os pensamentos, os sentimentos e as próprias ações executadas no transcorrer de uma existência geram reflexos na própria existência, na vida espiritual ou até mesmo na próxima ou futuras existências, a depender é claro da extensão ou gravidade da ação promovida.

A lei de ação e reação, ou o *a cada um segundo suas obras*, baseia-se num perfeito mecanismo de justiça e igualdade absoluta para todos. Não há qualquer favoritismo para quem quer que seja. Agindo bem,

¹Utilizamos-nos da 32ª edição da FEB, de 9/84, com tradução de Manuel Quintão.



teremos o mérito do bem. Agindo mal, teremos as conseqüências. Não se trata de castigo, em absoluto, mas de conseqüências.

Qualquer prejuízo que causarmos a nós mesmos ou a terceiros ocasionarão conseqüências inevitáveis em nossa própria vida. Isto é da Lei Divina. E qualquer benefício que distribuamos gerará méritos e benefícios correspondentes em nosso próprio caminho, ainda que haja ingratidão dos beneficiados.

Passamos a entender, portanto, que fazer o mal a quem quer que seja nunca será compensador, pois sempre responderemos pelo mal que causemos, inclusive a nós próprios. E, do mesmo modo, toda felicidade ou tranquilidade que proporcionarmos ao próximo redundará, inevitavelmente, em bem para nós mesmos.

Não é por outra razão que Jesus ensinou a perdoar. O ódio alimentado, a vingança executada ou a perseguição contumaz a qualquer pessoa redundarão em estágios de sofrimento e dor a seu autor. Perdando, libertamo-nos.

Também é pela mesma razão que a recomendação sempre constante é para que promovamos o bem, ainda que este não nos seja espontâneo (estamos aprendendo a incorporá-lo em nós mesmos), pois todo bem gera o bem. O mal sempre gerará conseqüências desagradáveis.

Fácil perceber, portanto, que muitos sofrimentos existentes hoje na vida individual, social e coletiva, inclusive em nível de planeta, poderiam ser evitados se houvesse o conhecimento dessa realidade das conseqüências geradas por nossos atos. Quantos equívocos pelo des-

conhecimento dessa lei que simplesmente usa a justiça e a igualdade como parâmetros...

Não temos o direito de ferir, de denegrir, de caluniar, de espoliar... Não temos igualmente o direito de matar, de roubar (bens, dignidade, oportunidades, paz etc.), de interferir na vida alheia, de impor idéias ou padrões que julgamos corretos. Entendamos que as criaturas são livres, desejam ser respeitadas, assim como queremos ser...

Este é o detalhe: as tentativas de dominação, imposição, de cerceamento da liberdade individual, sempre ocasionarão sofrimentos, pois todos somos seres pensantes, com vontade própria, responsáveis pelo próprio caminho. Poderemos, é claro, sugerir, aconselhar (se formos solicitados), auxiliar no que for possível, mas jamais violentar as consciências. Todas merecem respeito.

**Será de muita
utilidade que
possamos estudar e
debater os itens do
*Código Penal da
Vida Futura***

O tema suscita muitos debates, abre perspectivas imensas de estudo. Observa-se que as próprias leis humanas, refletindo as imperfeições do estágio evolutivo do Planeta, muitas vezes são equivocadas, gerando também conseqüências para

o futuro. O que se observa atualmente é fruto de toda essa inconsciência coletiva dos mecanismos que nos dirigem a vida.

Há que se pensar no que estamos fazendo. Já não somos mais seres tão ingênuos que desconhecem as Leis Morais. Estamos todos num caminho evolutivo, onde os direitos são iguais. Tais direitos, abrangentes, devem ser respeitados pela igualdade e pela justiça.

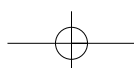
E é justamente pelo desrespeito a tais princípios de igualdade e justiça que se observam os efeitos na vida material e na vida espiritual, com os depoimentos que os Espíritos trazem do estado em que se encontram, em virtude do padrão moral que adotaram no relacionamento uns com os outros ou consigo mesmos.

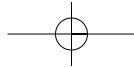
O livro *O Céu e o Inferno* traz depoimentos, em sua Segunda Parte, de diferentes Espíritos que descrevem a situação em que se encontraram após a morte. Mas a questão não é apenas para depois da morte. Há que se considerar a própria existência física, atual ou futura(s), onde os mesmos reflexos se fazem sentir.

Será de muita utilidade que possamos estudar e debater os itens do *Código Penal da Vida Futura*, constante do livro em referência, para espalhar tais esclarecimentos. Também os depoimentos constantes da citada obra são de grande utilidade para estudos e reflexões.

São princípios desconhecidos da maioria dos Espíritos encarnados no Planeta, embora a consciência, onde está escrita a *Lei de Deus*², os avise de seus equívocos. Sufocados

²Ver questão 621 de *O Livro dos Espíritos*, edição FEB.





pelas imperfeições morais do orgulho, do egoísmo, da vaidade, ainda nos permitimos sufocar a própria consciência e agimos em detrimento uns dos outros. Daí as consequências inevitáveis e os sofrimentos...

Em tudo, porém, é preciso sempre considerar a misericórdia de Deus, que nunca abandona seus filhos e lhes abre sem cessar novas oportunidades de progresso. O tema é extenso, pois poderemos adentrar os domínios do arrependimento, expiação e reparação, mas desejamos mesmo é sugerir ao leitor a leitura atenta do *Código* constante em *O Céu e o Inferno*. Os itens enumerados, todos eles, abrem perspectivas imensas de entendimento e esclarecimento, o que seria impossível num artigo de poucas linhas. Melhor mesmo é buscar na fonte original a lucidez e clareza da Doutrina.

Para concluir, gostaríamos de oferecer à reflexão do leitor a frase de Joanna de Ângelis, na psicografia de Divaldo Pereira Franco, constante do capítulo 38 – A glória do trabalho –, do livro *Lampadário Espírita*³: “No lugar em que te encontrares, sempre poderás semear a luz da esperança e do amor.” Eis uma programação de ação para modificar os panoramas da vida humana. Basta nos situarmos no esforço do bem, para gerar efeitos salutareos de felicidade e saúde.

Se usarmos este roteiro nas atitudes de cada dia, pronto! Estaremos sintonizados com o bem, gerando efeitos de amor e alegria. Simples consequência da *lei de ação e reação*. ■

³3ª edição da Federação Espírita Brasileira, maio de 1978.

Proteção espiritual

Mauro Paiva Fonseca

Os Espíritos, encarnados ou desencarnados, ainda necessitados dos resgates e reparações com vistas ao próprio progresso, estão sob a permanente atenção de entidades espirituais superiores, os quais utilizam os recursos mediúnicos de abnegados trabalhadores do bem que, guiados pelos dirigentes espirituais a eles diretamente ligados, orientam o socorro, modelando-o consoante as condições que o paciente ofereça em termos de esforço pessoal. A eficiência desse socorro, no entanto, dependerá muito mais das condições oferecidas pelo socorrido do que do desejo fraterno de socorrer expresso pelos trabalhadores em atividade.

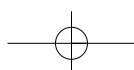
São inúmeros os fatores que influem no resultado final da ajuda prestada; entre eles, o merecimento – a critério dos trabalhadores espirituais –, orientados que são, pelos mentores a que estão subordinados, ressalta como um dos principais.

Para sermos beneficiados com o socorro dos bons Espíritos, não poderemos agasalhar no coração sentimentos inferiores de ódio, vingança, vaidade, orgulho, egoísmo, ciúme, inveja, bem como outros mais, congêneres, porque, sem dúvida, eles serão a razão dos sofrimentos que nos levarão a buscar aquele socorro. Além disso, será indispensável recebermos com fé a ajuda solicitada, e procurarmos pôr

em prática a terapia espiritual recomendada pelos orientadores da Casa. Com esta providência, nosso estado vibratório se modificará, adquirindo frequência que nos porá em sintonia com as correntes vibratórias superiores, cujos benefícios atrairemos.

Os sofrimentos representados pelas angústias, tormentos e dores, que acontecem em nosso caminho, não são obra do acaso: são criações nossas, quer como consequências de um passado delituoso, quer como resultados da negligência e indiferença com que conduzimos a própria vida atual.

O amor de Deus por Suas criaturas legou-nos o amparo, representado pelos ensinamentos de Jesus, cujos conceitos são caminhos de libertação para toda a humanidade terrena; mas, amodorradas pelas paixões mundanas e atraídas pelos prazeres enganosos da opulência, as criaturas esquecem-se de que o túmulo aguarda seus despojos de carne e osso. O Espírito imortal, que sobrevive à destruição da matéria, é relegado a plano secundário, quando deveria ser o objeto principal das cogitações humanas. Por conta disso, contam-se aos milhares, quiçá milhões, as consciências que, amarguradas, derramam candentes lágrimas de arrependimento, ao retornarem à Pátria Espiritual, quando percebem tardiamente o engano cometido, ao cuidarem mais da matéria, em detrimento do Espírito. ■



ENTREVISTA: JOSÉ RAUL TEIXEIRA

A chance de cooperar com Deus

Em entrevista, o orador e médium José Raul Teixeira relata como chegou ao Espiritismo e comenta a finalidade do Centro Espírita e a evolução do Movimento Espírita

P. – Como você tornou-se espírita?

J. Raul – A partir do convite de um querido amigo, José Luiz Vilaça, colega de escola, a quem relatei acontecimentos que comigo se davam, envolvendo a visão e a audição de seres espirituais, os quais o meu orientador religioso à época afirmava serem “demônios”, aceitei o convite do amigo, após grande relutância, porque nunca ouvira nada a respeito do Espiritismo, e isso me amedrontava.

P. – Qual a sua relação com o movimento de Mocidades Espíritas?

J. Raul – Bem, o convite feito por meu amigo Vilaça era para que eu visitasse a Mocidade Espírita a qual freqüentava, pois, quando ouviu meus relatos sobre aparições espirituais, disse-me que no grupo de jovens espíritas do qual participava tal questão era conhecida como mediunidade. Quem sabe ali eu encontraria resposta para os fenômenos?

Desde aquele dia 8 de abril de 1967, que assinalou minha primeira visita a um Centro Espírita, tornei-me membro ativo da Mocidade Espírita Ranulpho Xavier, do Grupo Espírita Leôncio de Albuquerque, em Niterói (RJ), minha cidade natal. Mais tarde, a Mocidade passou a ser designada tão-somente como Mocidade do G. E. Leôncio



José Raul Teixeira

de Albuquerque. Nos estudos e trabalhos desenvolvidos, então, nessa Instituição, fui convidado a lecionar para grupos de crianças quanto de jovens, o que se delongou por vários anos, ensejando-me profundas alegrias e grandes aprendizados da formosa Doutrina Espírita.

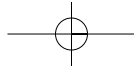
Dessa forma, sempre estive vinculado ao trabalho com jovens espíritas, participando de inúmeras confraternizações no Estado do Rio de Janeiro como em outros Estados brasileiros, trocando experiências e aprendendo sempre, apaixonando-me sempre mais pelo pensamento espírita, por sua lucidez e inquebrantável lógica.

P. – O que teria a relatar sobre sua vivência como conferencista, visitando todas as regiões do País?

J. Raul – Considero que é uma das mais expressivas experiências de minha vida, uma vez que jamais pudera supor que um dia viesse a tornar-me pregador, dado ao meu temperamento tímido até o período da adolescência, exatamente quando conheci o Espiritismo.

Quando da minha primeira visita a um Centro Espírita, a professora, talvez por observar-me a timidez, pediu-me que dissesse algo sobre o tema que estava sendo tratado pelos jovens – Moisés: a primeira revelação – e senti algo extraordinário: o peito pareceu-me entumescido e a língua parecia ter crescido. Sem qualquer raciocínio, falei sobre Moisés durante 20 minutos, tocado por forte emoção, e, como se se desligasse uma “chave”, parei de falar, restando-me demorada taquicardia. Aí tudo começou no meu primeiro contato com o Espiritismo.

A partir dos comentários doutrinários realizados em nossa Instituição, dos pequenos estudos desenvolvidos na Escola Paulo de Tarso, mantida pelo Grupo Leôncio, numa instituição penal de nossa cidade, fui sendo convidado para pregar em outros Centros da



cidade. Após, comecei a pregar na cidade do Rio de Janeiro. Alguém que me conheceu nesses labores foi-me convidando para visitar Minas Gerais, São Paulo, e, quando me vi, estava visitando o país inteiro. A minha família se ampliara, o tempo se fizera mais apertado, pois tinha que saber bem distribuí-lo entre a faculdade, a vida profissional, a família e as atividades espíritas.

Até hoje, cada vez que me levanto para falar da nossa Doutrina Espírita, onde quer que seja, sou tomado pela mesma emoção, pelo mesmo entusiasmo da primeira hora, imensamente honrado pela oportunidade que Jesus-Cristo me oferece de trabalho no bem.

P. – E sobre as visitas ao Exterior?

J. Raul – Imagino que não estivessem nos planos da minha presente reencarnação as viagens ao Exterior. Curioso é que foram surgindo convites, e elas foram sendo incrementadas, após um grave acidente automobilístico do qual os Benfeitores retiraram-me ileso e afirmaram que eu recebera uma significativa “moratória”, um tempo a mais para aprender e servir. Hoje, com 38 países visitados, identifico naqueles que estão lutando por apresentar e disseminar o pensamento espírita, com devotamento e seriedade, a extensão da nossa família espírita brasileira, ou melhor, a ampliação da nossa família espírita mundo afora.

P. – Você tem responsabilidades cotidianas em alguma Instituição Espírita?

J. Raul – Sim, tenho. Sou fundador e atual presidente da Socie-

dade Espírita Fraternidade, em Niterói, onde temos as várias atividades espíritas de domingo a sábado. A SEF tem seu braço assistencial, que chamamos Remanso Fraterno, onde nos ocupamos em atender com escolaridade, saúde física, odontológica e psicológica, alimentação, etc., a uma comunidade de quase oito centenas de pessoas, distribuídas entre crianças, adolescentes e seus pais ou responsáveis.

**Importante
reafirmar nossos
compromissos com
o Cristo, quando
retornamos à Terra
sob o Seu
amparo**

P. – Como conceitua o objetivo do Centro Espírita?

J. Raul – O Centro Espírita deverá propor-se ensinar aos seus frequentadores o estudo da Doutrina Espírita, na condição de Escola das almas, ou, como bem posicionou Bezerra de Menezes, através da mediunidade de Chico Xavier, “o Centro Espírita é a universidade do Espírito”. No seu bojo, igualmente, aprendemos a conviver na sociedade dos confrades, verdadeiro laboratório, onde mil e uma experiências são vivenciadas, amadurecendo-nos para os objetivos mais altos de Jesus para as nossas vidas.

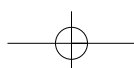
P. – Qual a sua opinião sobre a evolução do Movimento Espírita nas últimas décadas?

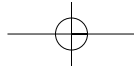
J. Raul – É com alegria que acompanho o gradual crescimento numérico do nosso Movimento Espírita, muito embora tenha que admitir a necessidade de um incremento qualitativo, ou seja, maior engajamento dos que buscam os benefícios propiciados pelo Espiritismo, seja aprofundando seu conhecimento, a fim de que a vida terrena seja vista com maior clareza e responsabilidade, seja no esforço por vivenciar seus ensinamentos excelentes.

P. – Teria uma mensagem ao leitor de Reformador?

J. Raul – Importante reafirmar nossos compromissos com o Cristo, quando retornamos à Terra sob o Seu amparo, guardando a certeza de que esse é um tempo muito especial que vivemos no mundo, considerando a confiança que o nosso Modelo e Guia deposita em nossas possibilidades, sem que haja nenhum prurido messiânico de nossa parte. Importante fazer do pensamento luminoso do Espiritismo a nossa filosofia de vida. Importante imprimir maior qualidade aos nossos labores pela Causa, convictos de que estamos sendo agraciados com a grande chance de cooperar com Deus nesse momento complexo do progresso humano.

Assim, quero abraçar os irmãos leitores de *Reformador*, com especial carinho, agradecido pelas orações, e pela acolhida afetiva que venho recebendo em todos esses anos de atividades e em todos os lugares que tenho tido a honra de visitar a serviço do Espiritismo. ■





Razões para ser contra o aborto do anencéfalo

Marlene Nobre

No mês passado, organizada pelo governo, realizou-se a 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que pediu a reformulação do Código Penal para legalizar a prática do aborto no País. Segundo Nalu Faria (*O Estado de S. Paulo*, 16/7), representante da Marcha Mundial das Mulheres, o pedido foi apoiado por 70% das duas mil delegadas que participaram da conferência. Esse evento aconteceu logo após a liberação do aborto do anencéfalo, por decisão do Ministro Marco Aurélio de Melo, que ainda está em vigor, mas precisa ser ratificada por seus pares. Há, pois, séria investida para a legalização do aborto em nosso país.

Em uma das faixas colocadas no auditório da 1ª Conferência havia uma bandeira: “Legalizar o aborto é uma questão de Democracia, Justiça Social e Saúde Pública”. Nada mais falso. Uma sociedade civilizada não pode acobertar o crime sob os belos nomes de Democracia e Justiça. O fato de o aborto ter sido legalizado nos países ditos de primeiro mundo não significa que devamos imitá-los, porque, por mais admiradas que sejam, essas sociedades estão muito distantes do

modelo ideal de civilização. Faltam-lhes a vivência do amor genuíno.

À primeira vista, pode parecer que as razões contrárias ao aborto provocado sejam exclusivamente da alçada da religião. Uma reflexão mais acurada, porém, demonstrará que elas têm raízes profundas na própria ciência. Assim, para sermos fiéis à verdade e discutirmos, sem as amarras obliterantes do preconceito, a complexa e multifacetada questão dos direitos do embrião, é indispensável analisarmos os argumentos científicos contrários ao aborto.

O primeiro passo nessa busca é a descoberta do verdadeiro significado do zigoto à luz das Ciências da Vida.

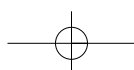
Para Moore e Persaud (2000, p. 2), “o desenvolvimento humano é um processo contínuo que começa quando o ovócito de uma mulher é fertilizado por um espermatozoide de um homem. O desenvolvimento envolve muitas modificações que transformam uma única célula, o zigoto (ovo fertilizado), em um ser humano multicelular”. Ainda segundo os ilustres embriologistas, o zigoto e o embrião inicial são organismos humanos vivos, nos quais já estão fixadas todas as bases do indivíduo adulto. Sendo assim, não é possível interromper qualquer ponto do continuum – zigoto, feto,

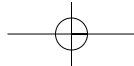
criança, adulto, velho – sem causar danos irreversíveis ao bem maior, que é a própria vida.

Mas há muito mais sobre o zigoto. É impossível deixar de reconhecer que é uma célula extremamente especializada, que passou pelo buril do tempo, herdeira de bilhões de anos de evolução. Dos cristais minerais ao ser humano, as células primitivas passaram por um longo e extraordinário percurso, desde os procariontes aos eucariontes, dos seres mais simples aos mais complexos, até surgirem, magníficas, nas múltiplas especializações dos órgãos humanos. É a célula-ovo é um dos exemplos mais admiráveis, porque encerra em si mesma, potencialmente, todo o projeto de um novo ser, que é único e insubstituível.

Nesse sentido, a investigação sobre a estrutura do zigoto nos leva necessariamente à discussão sobre a origem da vida e seu significado científico, com todas as consequências disso para discussões bioéticas, morais, políticas e religiosas. Não será possível retomar aqui toda argumentação desenvolvida em *O Clamor da Vida* (NOBRE, 2000), de modo que apresentarei unicamente alguns dos pontos centrais envolvidos.

Reconhecemos o grande valor da Teoria Neodarwiniana e de seus





pressupostos básicos – a evolução das espécies, a mutação e a seleção natural – já comprovados pela investigação científica. Ela, porém, tem-se revelado insuficiente para explicar a evolução como um todo, porque tem no acaso um dos seus pilares. O mesmo acontece com todas as outras teorias que buscam complementá-la, mantendo a mesma base explicativa, como as de Orgel, Eigen, Gilbert, Monod, Dawkins, Kimura, Gould, Kauffman. Demonstrou-se, por exemplo, através de cálculos matemáticos, a impossibilidade estatística (101.000 contra um) de se juntar, ao acaso, mil enzimas das duas mil necessárias ao funcionamento de uma célula. Do mesmo modo, já se constatou que o acaso é insuficiente para explicar, passo a passo, de forma detalhada, científica, o surgimento de estruturas complexas, como o olho, o cílio ou flagelo, a coagulação sanguínea.

Por isso, acreditamos que a Teoria do Planejamento Inteligente, que não tem por base o acaso e é defendida por cientistas competentes, como o bioquímico Michael Behe, a bióloga Lynn Margulis, e os físicos Igor e Grischka Bogdanov, possui argumentos científicos bem mais sólidos para explicar a evolução dos seres vivos. Behe, em seu livro *A Caixa Preta de Darwin*, afirma que não importa o nome que se lhe dê, mas, para ele, indiscutivelmente, a vida tem um Planejador. Esta mesma conclusão está em *Deus e a Ciência*, obra de J. Guitton e dos irmãos Bogdanov. Na mesma linha de raciocínio, Margulis e Sagan (2002, p.23) afirmam: “Nem o DNA nem qualquer outro tipo de molécula, por si só, é capaz de explicar a vida”.

Esses autores foram buscar suas argumentações científicas no estudo da extraordinária maquinaria celular; no jogo de convenções inexplicáveis, como as ligações covalentes, a estabilização topológica de cargas, a ligação gene-proteína, a quiralidade esquerda dos aminoácidos e direita dos açúcares; como também, nos cálculos matemáticos das enzimas celulares e na análise de estruturas complexas, já referidos. Enfim, um mundo de complexidade, que não pode ser reduzido à simples obra do acaso.



O fato é que o cientista, nem de longe nem de perto, tem conseguido “fabricar” moléculas da vida. Ele desconhece, portanto, como reproduzir, em laboratório, as forças que entram em jogo nesse intrincado fenômeno. Nessas circunstâncias, deveria adotar uma atitude mais humilde, mais reverente, diante desse bem maior que é concedido ao ser humano, o de viver.

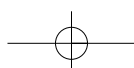
Pois, a cada dia, chegam novos

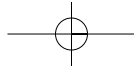
aportes científicos para a compreensão da verdadeira natureza do embrião. Descobertas recentes, feitas pela neurocientista Candace Pert e equipe, demonstram que a memória estaria presente não somente no cérebro, mas em todo o corpo, através da ação dos neuropeptídeos, que fazem a interconexão entre os sistemas – nervoso, endócrino e imunológico –, possibilitando o funcionamento de um único sistema que se inter-relaciona o tempo todo, o corpo-cérebro.

Outras pesquisas já detectaram a presença, no zigoto, de registros (“imprints”) mnemônicos próprios, que evidenciam a riqueza da personalidade humana, manifestando-se, muito cedo, na embriogênese. São também notáveis as pesquisas da dra. Alessandra Piontelli e demais especialistas que têm desvendado as surpreendentes facetas do psiquismo fetal, através do estudo de ultrassonografias, feitas a partir do 4º mês de gestação, e do acompanhamento psicológico pós-parto, até o 3º ou 4º ano de vida da criança. O conjunto desses e de outros trabalhos demonstra a competência do embrião: capacidade para autogerir-se mentalmente, adequar-se a situações novas; selecionar situações e aproveitar experiências.

Se unirmos a Teoria do Planejamento Inteligente a essas novas descobertas, vamos concluir, baseados na ciência, que a vida do embrião não pertence à mãe, ao pai, ao juiz, à equipe médica, ao Estado. Pertence, exclusivamente, a ele mesmo, porque a vida é um bem outorgado, indisponível.

Há, pois, fortes razões científicas para ser contra o aborto, mesmo o do anencéfalo. ➤





Aprendemos, com a genética, que a diversidade é a nossa maior riqueza coletiva. E o feto anômalo, mesmo o portador de grave deficiência, como é o caso do anencéfalo, faz parte dessa diversidade. Deve ser, portanto, preservado e respeitado.

Reconhecemos que a mulher que gera um feto deficiente precisa de ajuda psicológica por longo tempo; constatamos, porém, que, na prática, esse direito não lhe é assegurado.

Sem ajuda para trabalhar o seu sentimento de culpa, ela pode exacerbá-lo pela incitação à violência contra o feto, e mesmo permanecer nele, por tempo indeterminado. Seria importante que inclinasse seu coração à compaixão e à misericórdia, mostrando-lhe o real significado da vida. ■

Marlene Nobre é médica ginecologista e presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil e Internacional.
amebr@uol.com.br / www.amebrasil.org.br

REFERÊNCIAS:

BEHE, Michael, *A Caixa Preta de Darwin, O desafio da bioquímica à teoria da evolução*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GUITTON, Jean, BOGDANOV, Igor e Grichka, *Deus e a Ciência*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MARGULIS, Lynn, SAGAN, D., *O Que é Vida?*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MOORE, Keith L. e PERSAUD, T. V. N., *Embriologia Clínica*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

NOBRE, M., *O Clamor da Vida*, São Paulo: Editora FE, 2000.

Fonte: *Folha Espírita* de agosto de 2004, Ano XXXI, Nº 364, p. 1 e 4.

A distração

Marcelo Paes Barreto

“A neurose da solidão é doença contemporânea, que ameaça o Homem distraído pela conquista dos valores de pequena monta, porque transitórios.”
(Joanna de Ângelis – *O Homem Integral*, cap. I.)

A distração, considerada comum na sociedade terrena de uma maneira geral, tira o homem de seu verdadeiro objetivo espiritual.

As formas de divertimento, hoje cultivadas pela maioria dos componentes do grupo social, abafam outras oportunidades de aprendizado e crescimento espiritual, fechando-os em rotineiros quadros de vida.

Neste aspecto é que visualizamos o homem distraído que, ocupado com afazeres transitórios, sem relevância futura, esqueceu-se de cuidar das coisas **essenciais**.

Dessa forma é que temos visto alguns dramas do mundo, como os jovens nas drogas, distraídos das tarefas de aperfeiçoamento intelectual e moral, adentrando pelo “novo mundo”, procurando, procurando...

Vemos, também, os indivíduos nos suicídios, diretos ou indiretos, distraídos pelos chamados da solidão, da ansiedade, da angústia,

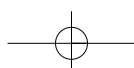
do medo, caindo, inadvertidamente, nos labirintos escuros da obsessão, onde “acham” que a saída é o fim antecipado da vida.

Assistimos, da mesma forma, aos conflitos de família, onde, asoberbados pelos ataques e chamados da despreparada mídia do consumismo, seus membros tornam-se exaustos, cansados e procuram, distraidamente, “novos rumos”, olvidando os compromissos de outros tempos.

E aí, vamos ver os mais variados tipos de problemas, tais como os desencontros de idéias no nível dos governantes, que, distraídos na discussão da conjuntura, fazem surgir as mortes coletivas, a fome generalizada e os descontroles dos sistemas básicos de manutenção da vida.

E ainda, na distração dos homens, visualizamos a distração dos povos e dos governos, gerando sérios danos à comunidade do Planeta, com atraso no cumprimento dos compromissos e, obviamente, adquirindo débitos para as próximas etapas do mundo.

Daí, a premente necessidade da reanálise de posturas e prioridades diante das leis naturais e dos compromissos assumidos, diante da Criação e do Criador, com a reformulação dos meios de desenvolvimento da vida e a busca dos fins essenciais traçados por Deus para os seus filhos. ■



PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Na trilha de Allan Kardec

terrestres, ainda nos achamos imensamente distantes.

...

Estudando a vida espiritual além do túmulo, Allan Kardec, o eminente Codificador da Nova Revelação, apresenta em *O Livro dos Espíritos* algumas definições que será oportuno examinar, a fim de que nós outros, tarefeiros encarnados e desencarnados do Espiritismo, estejamos vigilantes nas responsabilidades que o Plano Superior nos conferiu.

Na Pergunta 226, indaga o apóstolo da Codificação:

– “Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?”

E os seus elevados mentores responderam:

– “*Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram em seu estado definitivo.*”

Segundo é fácil deduzir, “Espíritos errantes”, na elucidação, não significa Espíritos vagabundos, desocupados, inertes, mas sim sem residência fixa, qual ocorre com todos nós, de vez que, de conformidade com a palavra dos instrutores de Allan Kardec, somente não são considerados “errantes” aqueles “que chegaram à perfeição”, da qual, todos nós, a generalidade das criaturas

Na Pergunta 227, inquire o grande servidor da Verdade:

– “De que modo se instruem os Espíritos errantes? Certo não o fazem do mesmo modo que vós outros?”

E o esclarecimento veio, precioso:

– “*Estudam e procuram meios de elevar-se. Vêem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão, ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute idéias que antes não tinham.*”

A resposta é segura, Os “Espíritos errantes”, isto é, nós outros os viajores em demanda da perfeição suprema, inclusive a maioria das almas reencarnadas que permanecem na curta romagem do berço ao túmulo e que ainda voltarão muitas vezes ao educandário da carne, encontramos oportunidades de estudo e meios de elevação.

Ora, quem diz “estudo e elevação” refere-se a esforço e trabalho, disciplina e progresso.

Assim é que tanto na experiência física quanto na experiência espiritual, propriamente consideradas, nós, os viajores da senda evolutiva, não nos achamos órfãos da organização que nos define os méritos e deméritos.

Compreender-se-á, então, logicamente, que civilização e autoridade, agrupamento e ordem, escola e dignificação, hospital e penitenciária, embora diferenciados na expressão, escalonam-se e vigem para nós, os milhões de encarnados e desencarnados que vivemos ainda tão longe do acrisolamento absoluto.

...

Na Pergunta 229, interroga o Codificador:

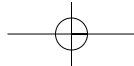
– “Por que, deixando a Terra, não deixam aí os Espíritos todas as más paixões, uma vez que lhes reconhecem os inconvenientes?”

E os orientadores aduziram:

– “*Vês nesse mundo pessoas excessivamente invejosas. Imaginas que, mal o deixam, perdem esse defeito? Acompanha os que da Terra partem, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando-lhes o que têm de mau, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria. Só por momentos ele entrevê a verdade, que assim lhe aparece como que para mostrar-lhe o bom caminho.*”

A elucidação não deixa dúvidas.

Carreamos para além do sepulcro a sombra das ações deploráveis em que nos envolvemos, por efeito das paixões que acalentamos no próprio ser. ➤



Somos prisioneiros das imagens infelizes a que nos afeiçoamos, quando na extensão do mal aos outros e a nós mesmos, imagens essas que se imobilizam, temporariamente, em nossa vida mental, detendo-nos nas grades do remorso e do arrependimento, até que atendamos à expiação necessária.

Em tais condições, a visão das verdades divinas surge em nossa consciência, tão-somente à maneira do relâmpago nas trevas que nós mesmos criamos, descerrando-nos o caminho regenerador que nos compete aceitar e seguir.

A morte física, como é racional, não nos subtrai, de improviso, dos íntimos refolhos do espírito, as conseqüências dos erros nefastos a que nos precipitamos, de vez que os pensamentos oriundos das faltas cometidas nos entrançam a alma às imposições do resgate.

...

Na Pergunta 230, consulta o notável missionário:

– “Na erraticidade, o Espírito progride?”

E os Benfeitores informam:

– “Pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, na existência corporal é que põe em prática as idéias que adquiriu.”

Outra vez reconhecemos os veneráveis mensageiros interessados em destacar a necessidade de serviço e educação, além-túmulo, aclarando, ainda, que todos nós, “os viajores da evolução”, despendemos muitos séculos adquirindo ensinamentos na Vida Espiritual e aplicando-os na esfera física, de modo a assimilarmos com segu-

rança, a golpes de trabalho no campo do tempo, os valores da perfeição.

...

Ainda na Pergunta 232, Kardec argui, meticoloso:

– “Podem os Espíritos errantes ir a todos os mundos?”

**Serviço e hierarquia,
aprendizado
e aprimoramento
são imperativos
a que não
conseguiremos fugir**

E a explicação veio clara:

– “Conforme. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado, o que, aliás, constitui o objetivo para que devem tender seus esforços, pois, do contrário, não se aperfeiçoaria. Pode, entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem dizer, consegue apenas entrevê-los, donde lhe nasce o desejo de melhorar-se para ser digno da felicidade de que gozam os que os habitam, para ser digno também de habitá-los mais tarde.”

A resposta é tão brilhantemente positiva que não requisita comentários.

Vale, todavia, dizer que, muitas vezes, em desencarnando a alma do veículo de sangue e ossos, não se liberta mentalmente da experiência a que ainda se prende na vida terrestre, em torno da qual gravita por tempo indeterminado.

Ninguém acredite, pois, que o túmulo seja depósito de asas destinadas à elevação de quem não procurou elevar-se durante a passagem pelo seio da Humanidade.

Ascensão pede leveza.

Triunfo verdadeiro reclama heroísmo e glória.

Sublimação exige amor e sabedoria.

Felicidade não dispensa equilíbrio.

O preço da perfeição é trabalho contínuo de engrandecimento da alma.

Ninguém espere, assim, depois da morte, repouso e bem-aventuranças que não soube conquistar por si mesmo.

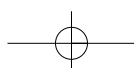
Serviço e hierarquia, aprendizado e aprimoramento são imperativos a que não conseguiremos fugir, tanto do berço para o túmulo quanto do túmulo para o berço, se desejamos marchar para a Vida Superior...

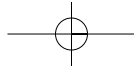
E enunciando semelhante realidade, não estamos fazendo mais que acompanhar a trilha de Allan Kardec, nas lições que o apóstolo admirável entesourou, em nosso benefício, há cem anos.

André Luiz

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Fonte: *Reformador* de abril de 1957, p. 33(103)-34(104).





A propósito dos anencéfalos

Zalmino Zimmermann*

O aborto, como se sabe, é crime. Todavia, não bastassem os projetos em tramitação no Congresso Nacional, visando ampliar o elenco dos casos de exclusão de ilicitude, ou de punibilidade (de acordo com a teoria normativa pura), previstos no Código Penal (Art. 128 e incs.), agora é o Judiciário, que, nos últimos tempos, vem assumindo posturas perigosamente liberalizantes, autorizando o abortamento, ainda que *contra-legem*.

Trata-se de uma novidade sumamente grave, de conseqüências imprevisíveis para o futuro espiritual da Nação, como, aliás, reiteradamente sustentava o missionário Francisco Cândido Xavier, advertindo que a legitimação do aborto acarretaria pesadíssimos efeitos cármicos para a sociedade brasileira.

Entre os casos que têm chegado ao Judiciário, em busca de pronunciamento (autorização para a “antecipação terapêutica do parto”), salientam-se como os mais comuns, os que dizem com a ocorrência da anencefalia, deformidade cem por cento fatal.

Diante dos pedidos que se multiplicam em todo o país, desde

a primeira decisão favorável, em 1989 (Rondônia), e que já chegam há cerca de 3.000 – com 97% de respostas favoráveis –, oportuno é lembrar a responsabilidade do magistrado – particularmente do magistrado espírita, porque consciente das conseqüências espirituais – e o cuidado que deve ter no trato da questão.

Com efeito, ensina a Doutrina Espírita que:

1 – a evolução do ser humano ocorre, na Escola-Terra, pelo processo da reencarnação, que lhe faculta a necessária aprendizagem para o seu crescimento espiritual;

2 – a interrupção premeditada desse processo, em qualquer fase – a não ser no caso de eminente risco de vida da gestante (*O Livro dos Espíritos*, item 359) –, constituindo agressão ao direito individual de reencarnar, implica em crime de lesa-evolução, com as infalíveis conseqüências espirituais;

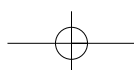
3 – nos casos de anencefalia, especificamente, impõe-se ter presente que somente diante da sólida e efetiva constatação da morte do feto intra-uterino, é que seria admissível pensar em autorização para a antecipação do parto, uma vez que,

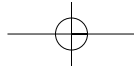
segundo se sabe, o Espírito, em tais situações, já rompeu sua ligação com o corpo em desenvolvimento (são vários os motivos, entre eles, o temor), ou, mesmo, pode nem haver um reencarnante, processando-se o desenvolvimento fetal, por algum tempo, por mero automatismo biológico;

4 – nos demais casos, a concessão da licença para a interrupção da gravidez compromete espiritualmente, não só a gestante, como os demais envolvidos no evento, com destaque para o magistrado, que não se houve com a necessária cautela, impedindo o Espírito de reajustar-se perispiriticamente, mesmo que por meio do sofrido processo da corporificação estigmatizada pela anencefalia, particularmente útil em casos de grave comprometimento cármico.

De se observar que a situação dos Espíritos necessitados, que buscam para o seu equilíbrio este tipo de processo, guarda certa semelhança com a dos que, nas operações laboratoriais, são submetidos à ligação provisória com o embrião, para que, com o “choque da carne” – mesmo que rápido – possam, inclusive, readquirir, pouco a pouco, a inteira consciência, por vezes,

*O Autor é Presidente da ABRAME – Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas.





entorpecida, por tempos sem conta.

Desse modo, todos os avanços científicos – inspirados, aliás, pela Espiritualidade Superior – servem ao progresso de todos, encarnados ou desencarnados.

É claro que, tanto no caso dos anencéfalos, como no dos embriões, possível é que inexista qualquer Espírito a sustentar ou se aproveitar do processo. Na incerteza, porém, e considerando que, na maioria das vezes, é o contrário que ocorre, o racional é impedir que seja cortada uma oportunidade tão importante como essa, para a história do Espírito, como, aliás, bem

atestam os muitos casos de Espíritos que se comunicam, agradecendo aos pais os poucos, mas preciosos, momentos que viveram na carne, reabilitando-se para futuras reencarnações normais.

Em conclusão, na qualidade de ser interexistente e multiexistencial, que todo cidadão é, deve ser juridicamente preservado, ao desencarnado, o seu direito de usufruir de todos os recursos disponíveis para recuperação de sua saúde espiritual, ainda que se sujeitando a um desenvolvimento fetal transitório e precário, como no caso da anencefalia, da mesma forma, como, em estando reencarnado, cumpre

ao Estado assegurar seu direito à saúde física, mesmo que tenha de se submeter à mais complexa cirurgia.

Trata-se, sim, de uma nova visão mais ampla e racional – e o Espiritismo a possibilita – do Direito e da Justiça, cuja missão fundamental é proteger a dignidade do cidadão, encarnado ou reencarnante, que este, desde os primeiros momentos embrionários, como comprova a Ciência, já é uma individualidade diferente da pessoa da mãe, com um programa de vida próprio a ser cumprido. ■

Fonte: Revista da ABRAME, número 03, 2004.

Página do caminho

Não aguardes o amigo perfeito para as obras do bem.

Esperavas ansiosamente a criatura irmã, na soleira do lar, e o matrimônio trouxe alguém a reclamar-te sacrifício e ternura.

Contavas com teu filho, mas teu filho alcançou a mocidade sem ouvir-te as esperanças.

Sustentavas-te no companheiro de ideal e, de momento para outro, recolheste mistura vinagrosa na ânfora da amizade em que sorvias água pura.

Mantinhas a fé no orientador que te merecia veneração e, um dia, até ele desapareceu de teus olhos, arrebatado por terríveis enganos.

Contudo, embora a dor de perder, continua no trabalho edificante que vieste realizar...

Ninguém reprova o doente porque sofra mal-humorado.

Ninguém censura a árvore que deixou de produzir porque o lenhador lhe haja decepado os braços frondejantes.

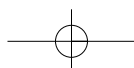
Quase sempre, aqueles que tomamos por afetos mais doces, crendo abraçá-los por sustentáculos da luta, simbolizam tarefas que solicitam renúncia e apostolados a exigirem amor.

Não importa o gelo da indiferença, nem o bramido da incompreensão, se buscamos servir.

O coração mais belo que pulsou entre os homens respirava na multidão e seguia só. Possuía legiões de Espíritos angélicos e aproveitou o concurso de amigos frágeis que o abandonaram na hora extrema. Ajudava a todos e chorou sem ninguém. Mas, ao carregar a cruz, no monte áspero, ensinou-nos que as asas da imortalidade podem ser extraídas do fardo de aflição, e que, no território moral do bem, alma alguma caminha solitária, porque vive tranqüila na presença de Deus.

Albino Teixeira

Fonte: XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*, 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 33, p. 83-84.



Prevenção ao suicídio, tarefa inadiável

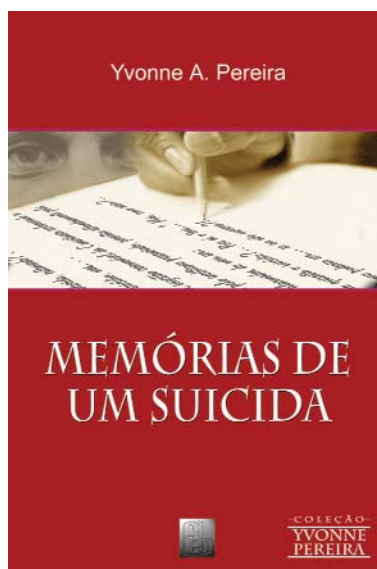
Gerson Simões Monteiro

“Os séculos de civilização, de ética e cultura não conseguiram fazer que o instinto de autodestruição (...) fosse dominado pela análise fria e nobre da razão. Pelo contrário: parece que nas nações chamadas supercivilizadas, pelo abuso das faculdades que revestem o ser, o homem atira-se cada vez mais opiado no sorvedouro da autodestruição, consumido pelos excessos de todo porte, ensoberbecido pela técnica e amolentado pela comodidade perniciosas.” Este pensamento do Espírito Victor Hugo, psicografado pelo médium Divaldo Pereira Franco no livro *Párias em Redenção*¹, completa-se ainda com a seguinte idéia:

“Se anteriormente a força anunciava a presença de civilização numa cidade, o alto índice de suicídios num povo, atualmente, revela a sua elevada cultura. Cultura, no entanto, pervertida, sem Deus nem amor, sem vida nem sentimento. (...)”

Tais colocações revestem-se de crua atualidade; senão vejamos os índices do recém-lançado “MAPA DA VIOLÊNCIA IV”, da Unesco, contemplando o período entre 1993 e 2002. O mapa demonstra que os suicídios no Brasil passaram

de 5.553 em 1993 para 7.715 em 2002, representando um aumento de 38,9%. No mesmo período, o aumento é bem superior ao registrado em óbitos por acidentes de transporte (19,5%), mas ainda está abaixo dos homicídios (62,3%).



Entre os adolescentes e jovens de 15 a 24 anos, o aumento foi menor (30,8%), passando de 1.252 para 1.637 suicídios entre 1993 e 2002. As situações por estado são bem diferenciadas: no Amapá, Maranhão e Paraíba, por exemplo, o número de suicídios de jovens quadruplicou. Já em Estados como São Paulo, Paraná e Distrito Federal, registrou-se a queda dos índices.

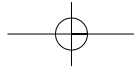
Relativizando os dados segundo o tamanho da população, verifi-

ca-se que a taxa do País no ano de 1993 foi de 3,7 suicídios para cada 100 mil habitantes. Com oscilações, ela foi crescendo lentamente para, em 2002, apresentar-se em 4,4 suicídios por 100 mil habitantes.

Em 2002, a maior concentração de suicídios encontrou-se nos Estados da Região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul (9,9 suicídios por 100 mil habitantes). Mas outros Estados também apresentaram taxas elevadas, acima de 6 suicídios em 100 mil habitantes, como Santa Catarina (7,8), Mato Grosso do Sul (7,8) e Amapá (6,8).

Entre as muitas causas que estão levando as pessoas a cometerem o suicídio, a depressão é apontada como a principal delas, segundo avaliação da Organização Mundial de Saúde (OMS). O portador de uma dor física tem um profissional para atendê-lo, mas, e o de transtornos psicológicos, a quem procurar? Onde buscar ajuda?

Neste particular, o Centro de Valorização da Vida (CVV) realiza um relevante serviço em favor dos suicidas potenciais através do atendimento telefônico, praticamente sem recursos governamentais. A partir do momento em que um ser humano se coloca em disponibilidade para ouvir com compaixão o desabafo de outra pessoa, pode-se



dizer que começou o trabalho de prevenção ao suicídio.

Os Centros Espíritas também realizam um trabalho de ajuda fundamental por meio do Atendimento Fraterno², não só aos deprimidos, mas também às pessoas que precisam de assistência espiritual. De um modo geral, permite-se o contato direto e possibilita-se o desabafo de quem esteja pensando em abandonar a vida pelo auto-extermínio. Por outro lado, as reuniões de desobsessão² são de suma importância para ajudar aqueles que pensam em suicidar-se, através da moralização do Espírito inimigo responsável pela sugestão infeliz de desistir da vida.

Um estudo feito com 153 pessoas pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças, nos Estados Unidos, expôs de perto a elas histórias de suicídio, numa visão oposta ao pensamento comum de que um suicídio incentiva outro. Pelo contrário, segundo a conclusão desse estudo, ter conhecido alguém que se suicidou ou ouvir relatos de suicídios reduz as chances de uma nova tragédia acontecer. No *site* da instituição, os responsáveis pela pesquisa esclarecem que os meios de comunicação devem desempenhar um papel fundamental nos esforços para educar o público na prevenção do suicídio.

Neste sentido, o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, ao lançar a *Campanha Em defesa da Vida*, vem cumprindo a importante tarefa de combater o suicídio ao elaborar cartazes e literatura de apoio, bem como sugerindo ao Movimento Espírita que o assunto seja abordado em programas de rádio, televisão, ví-

deo, Internet ou qualquer outro meio de comunicação, sempre de forma preventiva.

É importante ressaltar que a Doutrina Espírita tem uma grande contribuição para ajudar a pessoa aflita e desesperada no momento em que pensa desertar da vida pela porta falsa do suicídio. Ela demonstra que a alma continua a viver além da morte, e explica as causas dos sofrimentos, mostrando que eles, suportados com resignação neste mundo, transformar-se-ão em luzes para a sua alma ao reingressar nas esferas espirituais. O Espiritismo demonstra também que o suicida sofre terrivelmente, no mundo

dos Espíritos, as conseqüências do seu gesto de rebeldia contra as Leis do Criador, expiando o mal cometido contra si mesmo em nova reencarnação, a fim de harmonizar-se com a Lei do Progresso que visa à sua evolução para a perfeição espiritual. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹FRANCO, Divaldo P. *Párias em Redenção*, pelo Espírito Victor Hugo. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1971, Segundo Livro, cap. 1, p.174.

²FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – Conselho Federativo Nacional. *Orientação ao Centro Espírita*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988, p. 67.

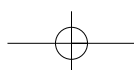
O suicídio

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as idéias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a *covardia moral*. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou lêem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa conseqüência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heróico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que incula a idéia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral*.

Allan Kardec

Fonte: *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. V, item 16, p. 131-132.



ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Entre o berço e o túmulo

“Não atentando nós nas coisas que se vêem,
mas nas que se não vêem, porque as
que se vêem são temporais e as que
se não vêem são eternas.”
— Paulo. (II Coríntios, 4:18.)

A flor que vemos passa breve, mas o perfume que nos escapa enriquece a economia do mundo.

O monumento que nos deslumbra sofrerá insultos do tempo, contudo, o ideal invisível que o inspirou brilha, eterno, na alma do artista.

A Acrópole de Atenas, admirada por milhões de olhos, vai desaparecendo, pouco a pouco, entretanto, a cultura grega que a produziu é imortal na glória terrestre.

A cruz que o povo impôs ao Cristo era um instrumento de tortura visto por todos, mas o espírito do Senhor, que ninguém vê, é um sol crescendo cada vez mais na passagem dos séculos.

Não te apegues demasiado à carne transitória.

Amanhã, a infância e a mocidade do corpo serão madureza e velhice da forma.

A terra que hoje reténs será no futuro inevitavelmente dividida. Adornos de que te orgulhas presentemente serão pó e cinza. O dinheiro que agora te serve passará depois a mãos diferentes das tuas.

Usa aquilo que vêes, para entesourar o que ainda não podes ver.

Entre o berço e o túmulo, o homem detém o usufruto da terra, com o fim de aperfeiçoar-se.

Não te agarres, pois, à enganosa casca dos seres e das coisas. Aprendendo e lutando, trabalhando e servindo com humildade e paciência na construção do bem, acumularás na tua alma as riquezas da vida eterna.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. 168, p. 375-376.

Das Gálias lugdunenses às terras mineiras*

Kleber Halfeld

Manoel Philomeno de Miranda, através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco, em sua obra *Tormentos da Obsessão*¹, relata-nos oportuno encontro que manteve no Plano Espiritual com o antigo médico de Uberaba, Dr. Inácio Ferreira.

O encontro é focalizado no capítulo “Tarefas relevantes”, quando o respeitável Diretor do Hospital Espírita de Uberaba se refere àquele que, convertido ao Cristianismo em prisas eras, reencarnaria muitas vezes em novas roupagens físicas, mas sempre identificando-se como leal servidor de Jesus. Sua última encarnação foi na personalidade de Eurípedes Barsanulfo, nascido em 1880 na cidade mineira de Sacramento, nela também desencarnando em 1918.

Espírito que recebeu de um jornal da época – *Lavoura e Comércio* – este comentário:

– “Foi o apóstolo do Bem: ao seu lado nenhuma lágrima ficou sem consolo e, sem bálsamo, dor nenhuma.”²

Consoante expressão de Manoel Philomeno de Miranda em mensagem recebida por Divaldo Pereira Franco, em 15 de janeiro de 2001, na cidade de Salvador, Bahia, o livro *Tormentos da Obsessão* engloba



Eurípedes Barsanulfo

diversas experiências por ele vivenciadas no Hospital Esperança, na Esfera Espiritual, “no qual se encontram internados inúmeros irmãos falidos e comprometidos com o seu próximo, em lamentáveis estados de perturbação (...)”.

Esclarece ainda o autor que mencionado nosocômio do Plano Espiritual foi erguido na década de 1930 a 1940, em decorrência do coração magnânimo do Espírito Eurípedes Barsanulfo.

Aliás, sobre essa personalidade sempre recordada no Movimento Espírita em terras mineiras, muitas obras têm sido elaboradas, descrevendo todos os autores a abençoada

missão desse luminoso Espírito, o que lhe valeu o cognome de “Apóstolo do Triângulo Mineiro”.

(Uma biografia de Eurípedes é apresentada por Zêus Wantuil em sua obra *Grandes Espíritos do Brasil*² a qual bem merece ocupar lugar em nossas bibliotecas.)

Ao Espírito Manoel Philomeno de Miranda, muito intrigava – conforme sua própria expressão – “a argúcia para o bem e a elevação espiritual de Eurípedes Barsanulfo, o abnegado servidor de Jesus, que abraçara o martírio nos primórdios do Cristianismo nas Gálias lugdunenses, assinalando o seu sacrifício com a coragem e a fé inamovível no Herói da Cruz”.

Foi por essa razão que ao vislumbrar ele um momento favorável no Hospital Esperança, não titubeou diante da figura do solícito Diretor – Inácio Ferreira –, em pedir melhores informes, no que foi prontamente atendido.

Vejamos, a seguir, alguns dados fornecidos:

* A expressão *Gálias lugdunenses* identifica uma das regiões da antiga França, na qual situava-se a cidade de Lugdunum – Lyon – Lião, na qual, muitos anos depois, reencarnaria Kardec.

— “Depois de inúmeras existências profícuas (...) o missionário do amor renascera em Zurique, no ano de 1741, com o nome de Johann Kaspar Lavater, havendo manifestado desde muito jovem acentuado pendor místico, que o levou através dos anos à adoção da religião dominante, na área do Protestantismo. Havendo sido ordenado pastor, contribuiu grandemente para a divulgação do pensamento cristão desvestido de qualquer dogmatismo, paixão de seitas ou denominação estranha (...).”

“Exilado para a Basileia, pela sua lealdade ao pensamento cristão original, permaneceu devotado ao apostolado, retornando mais tarde, quando foi ferido numa das lutas pela tomada da cidade por Massena, no ano de 1799, de cujas conseqüências veio a desencarnar em 1801.”

Da leitura de *Tormentos da Obsessão* podemos concluir que tem esse Espírito aproveitado de forma eficiente as encarnações que a ele têm sido concedidas pelo Pai Celestial. Do que, obviamente, têm resultado para ele importantes aquisições para sua evolução espiritual!

Sobre a personalidade de Johann Kaspar Lavater, tivemos ensejo de redigir um artigo — “Lavater, a uma Imperatriz, com carinho” —, o qual foi publicado na edição de setembro de 1989 por *Reformador*.

Foi em Zurique e em Schaffhouse, na Suíça, que Lavater teve oportunidade de, em 1762, travar conhecimento com os jovens Paulo — Paulo I, Imperador da Rússia — e sua esposa Maria Feodorovna.

Sólida amizade estabeleceu-se entre os três a partir desses encontros.

De 1796 a 1800 o prazer de Lavater era remeter aos soberanos russos, seus diletos amigos, vasta correspondência a respeito da ciência que criara — Fisiognomia —, segundo a qual havia uma estreita relação entre a fisionomia dos seres com a psicologia individual. Foi exatamente nesse período que o filósofo, escritor e teólogo suíço escreveu também seis cartas tecendo judiciosas considerações a respeito da vida no Além, todas elas endereçadas a Maria Feodorovna, Imperatriz da Rússia. A essa correspondência deu Kardec es-

pecial atenção, 70 anos depois! Certo ou não estivesse Lavater na sua tese, a Fisiognomia, fato é que à época a ele foram atribuídos diagnósticos realmente extraordinários. De todos os recantos da Europa chegavam pedidos referentes à matéria!

Frisamos que nas seis mencionadas cartas Lavater deixou extravasar muitos pensamentos que o identificavam com os princípios da Doutrina Espírita. Paralelamente há que considerar que se havia esta ou aquela distorção diante do que preceitua o Espiritismo, é oportuno recordar o que Kardec escreveu em maio de 1868 na *Revista Espírita*:

“(...) Apenas sobre alguns pontos parece ter tido idéias um pouco diferentes do que hoje sabemos, mas a causa dessas divergências que, aliás, talvez se devam mais à forma do que ao fundo, está explicada na comunicação seguinte, por ele dada na Sociedade de Paris.”

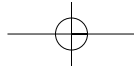
Realmente, como ainda consideramos no trabalho publicado por *Reformador*, logo após essas palavras de Kardec segue uma mensagem ditada pelo Espírito Lavater. Ela foi recebida nessa Sociedade no dia 13 de março de 1868. Foi uma comunicação verbal, através do sonambulismo espontâneo do senhor Morin, e revelava a opinião de Lavater sobre

o Espiritismo do século XIX. A mensagem é extensa, mas destacamos apenas o trecho a seguir, o qual bem patenteia aquilo que Kardec afirmou:

“Espírito encarnado, por instinto levado ao bem, natureza fervorosa apoderando-se de um pensamento que me levava ao verdadeiro, tão vil, ah! como aquelas que me levavam ao erro, talvez aí esteja o motivo que provocou as inexactidões de minhas comunicações, sem ter, para as retificar, o controle dos pontos de comparação. Porque, para que uma revelação seja perfeita, é preciso que se dirija a um homem perfeito e este não existe; não é, pois, senão do conjunto que se podem extrair os elementos da verdade. Foi o que pudeste fazer; mas, em meu tempo, podia-se formar um conjunto de algumas parcelas do verdadeiro, de algumas comunicações excepcionais? Não. Sou feliz por ter sido um dos privilegiados do século passado; obtive



Johann Kaspar Lavater



algumas dessas comunicações por mim diretamente, e a maior parte por meio de um MEDIUM, meu amigo, completamente estranho à língua da alma e, há que dizer tudo, mesmo à do bem.”

A caminho do término do presente trabalho, podemos levantar as conclusões seguintes:

Nos primórdios do Cristianismo nas Gálias lugdunenses, já nosso querido Eurípedes Barsanulfo identificava-se com a figura excelsa de Jesus.

No período que o separa da personalidade de Johann Kaspar Lavater, “teve inúmeras existências profícuas”, lembrando aqui as palavras do Espírito Inácio Ferreira a Manoel Philomeno de Miranda.

– Sua última encarnação verificou-se na cidade mineira de Sacramento, no Estado que tem abrigado igualmente outros médiuns de meritórios serviços à Doutrina Espírita.

– Atualmente, no Plano Espiritual, consagra-se ao trabalho no Hospital Esperança – que fundou –, tendo entre seus companheiros de luta, nosso estimado Inácio Ferreira, um dos diretores dessa Organização Espiritual. Em decorrência de sua evolução espiritual teve uma maravilhosa e inesquecível visão de Jesus, a qual é relatada por Hilário Silva em sua obra *A Vida Escreve*, psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

Transcrevemos na íntegra a página, com a qual encerramos nosso trabalho, ao mesmo tempo que louvamos nosso Pai Celestial pela bênção que nos concede, qual seja a de termos abraçado uma Doutrina que pelos seus esclarecimentos tanto nos impulsiona para a frente e para o alto!

Visão de Eurípedes³

Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no Estado de Minas Gerais, a observar-se fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia...

Subia sempre.

Queria parar, e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda... Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante. Reparava na formosa paisagem, quando, não longe, avistou um homem que meditava, envolvido por doce luz.

Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se...

Houve, porém, um momento, em que estacou, trêmulo.

Algo lhe dizia no íntimo para que não avançasse mais...

E num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ou seguir adiante.

Recordou as lições do Cristianismo, os templos do mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem dEle a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

Traspassado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o Amigo Sublime... Afagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal ao seus pés...

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

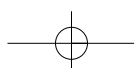
Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo...

Nessa linha de pensamento, não se conteve. Abriu a boca e falou, suplicante:

– Senhor, por que choras?

O interpelado não respondeu.

**Não sofro pelos
descrentes aos quais
devemos amor. Choro
por todos os que
conhecem o
Evangelho, mas não
o praticam**



Mas desejando certificar-se de que era ouvido, Eurípedes reiterou:

– Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar. E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

– Não, meu filho, não sofro pelos descrentes aos quais devemos amor. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu, desceu...

E acordou no corpo de carne.

Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até a morte. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹FRANCO, Divaldo Pereira. *Tormentos da Obsessão*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 6. ed. Salvador, BA. Livraria Espírita Alvorada Editora, 2003.

²WANTUIL, Zêus. (Organizador) *Grandes Espíritos do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 319-325.

³XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *A Vida Escreve*, pelo Espírito Hilário Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, Segunda Parte, cap. 27, p. 219-221.

Sofrimento e eutanásia

Quando te encontres diante de alguém que a morte parece nimbar de sombra, recorda que a vida prossegue, além da grande renovação...

Não te creias autorizado a desferir o golpe supremo naqueles que a agonia emudece, a pretexto de consolação e de amor, porque, muita vez, por trás dos olhos baços e das mãos desfalecentes que parecem deitar o último adeus, apenas repontam avisos e advertências para que o erro seja sustado ou para que a senda se reajuste amanhã.

Ante o catre da enfermidade mais insidiosa e mais dura, brilha o socorro da Infinita Bondade facilitando, a quem deve, a conquista da quitação.

Por isso mesmo, nas próprias moléstias reconhecidamente obscuras para a diagnose terrestre, fulgem lições cujo termo é preciso esperar, a fim de que o homem lhes não perca a essência divina.

E tal acontece, porque o corpo carnal, ainda mesmo o mais mutilado e disforme, em todas as circunstâncias, é o sublime instrumento em que a alma é chamada a acender a flama de evolução.

É por esse motivo que no mundo encontramos, a cada passo, trajas físicos em figurino moral diverso.

Corpos – santuários...

Corpos – oficinas...

Corpos – bênçãos...

Corpos – esconderijos...

Corpos – flagelos...

Corpos – ambulâncias...

Corpos – cárceres...

Corpos – expiações...

Em todos eles, contudo, palpita a concessão do Senhor, induzindo-nos ao pagamento de velhas dívidas que a Eterna Justiça ainda não apagou.

Não desrespeites, assim, quem se imobiliza na cruz horizontal da doença prolongada e difícil, administrando-lhe o veneno da morte suave, porquanto, provavelmente, conhecerás também mais tarde o proveitoso decúbito indispensável à grande meditação.

E usando bondade para os que atravessam semelhantes experiências, para que te não falte a bondade alheia no dia de tua experiência maior, lembra-te de que, valorizando a existência na Terra, o próprio Cristo arrancou Lázaro às trevas do sepulcro, para que o amigo dileto conseguisse dispor de mais tempo para completar o tempo necessário à própria sublimação.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Religião dos Espíritos*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 59-60.

Selo comemora o Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec

O Selo Comemorativo do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec foi lançado oficialmente em Brasília, no dia 5 de outubro, em cerimônia realizada no belíssimo auditório da Universidade dos Correios.

Mais de trezentos trabalhadores espíritas do Distrito Federal e Entorno prestigiaram o histórico evento. Várias autoridades, dentre políticos, ministros, desembargadores e presidentes de instituições espíritas, registraram presença no magno acontecimento, que se iniciou às 11h30 da primeira terça-feira de outubro.

Compuseram a Mesa do evento: o Presidente dos Correios, João Henrique de Almeida, o Vice-Presidente da FEB, Ilcio Bianchi, o Presidente da Federação Espírita do Distrito Federal, João de Jesus Moutinho, o Presidente da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), Zalmino Zimmermann, o representante do Ministro das Comunicações, Secretário Mauro Oliveira, e a Deputada Federal por Goiás, Profª. Raquel Teixeira. Também esteve presente o artista responsável pela elaboração do selo, Tarcísio Ferreira, cujo trabalho foi elogiado pelos conferencistas e reconhecido pelo público.

Foto: Fernando Bizerra Jr.



Mesa que presidiu ao lançamento do selo

Logo após a composição da Mesa, o Presidente da ECT coordenou as obliterações do selo, com a participação de autoridades presentes. Em seguida, usaram da palavra, inspirada pela magnitude do mo-



mento, o Presidente da ABRAME, Zalmino Zimmermann, a Deputada Federal Raquel Teixeira e o Presidente dos Correios, João Henrique de Almeida. Todos ressaltaram a importância de Allan Kardec e da Codificação Espírita, não somente para os profícuos do Espiritismo no Brasil, mas para a humanidade inteira.

Discursos objetivos, claros e bem fundamentados destacaram a coragem e a perseverança de Kardec na construção da Era do Espírito entre os homens, na superação dos obstáculos e no enfrentamento dos desafios para, destemido e absolutamente consciente de sua responsabilidade, estabelecer as bases seguras sobre as quais se assentam os princípios doutrinários e norteiam as atividades do Movimento Espírita no Brasil e no Exterior.

A cerimônia foi significativa para registrar o reconhecimento oficial do governo brasileiro à augusta personalidade de Allan Kardec pelos relevantes trabalhos prestados à causa da Humanidade, na missão de codificador da Doutrina Espírita.

O encerramento registrou momentos de sincera confraternização entre os presentes, no qual foi improvisada sessão de autógrafos em que o *designer* Tarcísio Ferreira gen-

Foto: Fernando Bizerra Jr.



Ilcio Bianchi, Vice-Presidente da FEB, obliterando o selo

tilmente recebia os interessados em levar para suas residências e instituições uma lembrança daquele evento inesquecível.

Foto: Fernando Bizerra Jr.



Palavra do Presidente dos Correios, João Henrique de Almeida

Nas palavras dos confrades da Federação Espírita do Distrito Federal, “este reconhecimento ao Codificador do Espiritismo é também um reconhecimento ao esforço silencioso de cada trabalhador espírita na construção de uma Nova Era de paz e harmonia para a Terra”.

O selo pode ser adquirido nos

Correios ao custo unitário de R\$ 1,60.

Código de comercialização:
852006993

Os pedidos devem ser endereçados à Agência de Vendas a Distância – Av. Presidente Vargas, 3.077 – 23º andar CEP 20210-973 – Rio de Janeiro/RJ – telefones: (21) 2503 (21) 8095/8096;

fax: (21) 2503 8638; e-mail: centralvendas@correios.com.br

Para pagamento, envie cheque bancário ou vale-postal, em nome da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ou autorize débito em cartão de crédito American Express, Visa ou Mastercard.

Sobre o selo

O selo apresenta, à direita, a logomarca internacionalmente utilizada nas comemorações do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec. Esta logomarca focaliza um busto em bronze, localizado no túmulo de Kardec, em Paris, e a cepa da videira, elemento presente em sua obra, cuja nobreza é representada pela faixa amarela dourada que contorna a efígie. À esquerda, e na parte inferior, as cores verde e amarelo, tendo sobreposta a assinatura de Allan Kardec, simbolizam o Brasil, onde o Espiritismo criou as mais profundas raízes. O lema “Trabalho, Solidariedade, Tolerância” foi a bandeira que conduziu sua vida. ■

Detalhes técnicos

Edital:	nº 20
Arte:	Tarcisio Ferreira
Processo de Impressão:	offset
Folha:	30 selos
Papel:	couchê gomado sem fosforescência
Valor facial:	R\$ 1,60 cada selo
Tiragem:	800.010 selos
Picotagem:	12x11,5
Área de desenho:	35mmx25mm
Dimensões do selo:	40mmx30mm
Data de emissão:	3/10/2004
Locais de lançamento:	Brasília/DF
Impressão:	Casa da Moeda do Brasil

A FEB E O ESPERANTO

Espiritismo em Pequim, via Esperanto

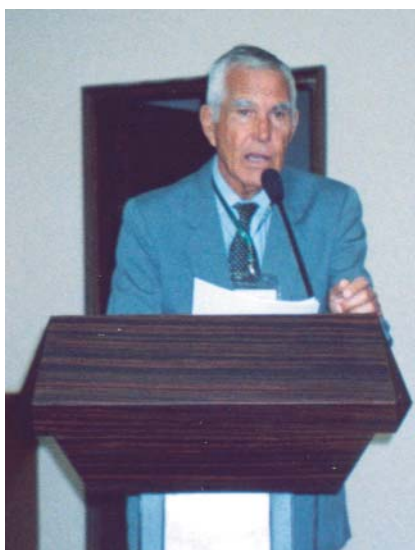
Ismael de Miranda e Silva

Emmanuel afirma que o Evangelho de Jesus é o “Sol da Imortalidade que o Espiritismo reflete com sabedoria para a atualidade do mundo”.

Em torno desta síntese admirável, formulada pelo grande Instrutor espiritual, o Dr. Juvanir Borges de Souza expressou judiciosos pensamentos, publicados em *Reformador* de julho de 2004: “(...) se essas verdades, que se desdobram em muitas outras, encontram-se à disposição dos homens, impõe-se a pergunta: por que não difundi-las por toda parte, por todas as nações, por todos os rincões deste mundo tão atrasado e sofredor?” E conclui o ex-presidente da Casa de Ismael:

“Acreditamos que a difusão das verdades reveladas seja aspiração de todos os espíritas, que se sentem felizes por já conhecê-las.

A divulgação da Doutrina Consoladora impõe-se à consciência de cada espírita, como consequência natural. Se o seguidor da Doutrina conseguiu elevar seu raciocínio, seu entendimento e seus sentimentos para o Bem, é lógico e *curial* que queira levar a outros essas conquistas, porque já superou o egoísmo, a vaidade e a ignorância que imperam nesta esfera em que vivemos.



*Ismael de Miranda e Silva
proferiu palestra sobre “La Genezo”
no salão Jéleso*

Entretanto, os idealistas espíritas precisam estar conscientes das dificuldades enormes que se tem pela frente quando se pretende divulgar e implantar novas idéias e princípios, mesmo que comprovadamente corretos e verdadeiros, que vão contrariar e retificar outros que estão aceitos e assentes.”

Não poderíamos ter mais lúcida antevisão do que a própria FEB encontraria relativamente às dificuldades de propagação da Doutrina Espírita por ocasião do 89º Congresso Universal de Esperanto, realizado de 24 a 31 de julho de 2004 na cidade de Pequim, China. A palestra, em 2 tempos, sobre os fun-

damentos da Doutrina Espírita e sobre o último dos cinco livros de Allan Kardec que formam o fundamento do Espiritismo, *A Gênese (La Genezo)*, foi devidamente anunciada, com a menção de que seria ofertado a cada congressista presente um exemplar do livro em foco. Entretanto, e não obstante também haverem sido distribuídos 300 convites impressos, somente 37 esperantistas compareceram à reunião (o menor número dentre as 17 reuniões realizadas nos congressos anteriores).

Tivemos a honra de contar com a prestigiosa presença do próprio Presidente da Associação Universal de Esperanto, Prof. Dr. Renato Corsetti, que não pôde permanecer durante todo o tempo da exposição em virtude de compromissos em outras atividades do Congresso.

No Salão Wensing, onde se realizava a reunião dos cristãos-esperantistas, sob os auspícios de organizações esperantistas que difundem o catolicismo e o protestantismo (IKUE e KELI), e não obstante pedido diretamente expresso ao dirigente, não nos foi permitida a participação, sob a alegação de que se tratava de uma reunião de cristãos. Depois de se argumentar junto ao padre católico alemão sobre o caráter cristão da Doutrina Espírita

ta, aquele afinal concordou em que nos apresentássemos, o que, na verdade não aconteceu, uma vez que, ao final da reunião, o padre alemão retirou-se com os poucos participantes. No dia seguinte, por ocasião da reunião dos católicos (União Internacional dos Católicos Esperantistas), após pedido feito publicamente em voz alta, foi permitida a leitura da mensagem da FEB, cujo texto, a pedido, constou na ata da reunião. [Publicada em *Reformador* de outubro/2004, p. 38.]

Os 13 exemplares restantes de *La Genezo* foram entregues a esperantistas que se prontificaram a levá-los a seus clubes de Esperanto em cidades do interior da China.

É, sem dúvida alguma, uma divulgação difícil, porém factível, que já vem sendo realizada sistematicamente por vários meios: livros, palestras, comparecimento de espíritos brasileiros a atividades fora do país, atuação de brasileiros espíritas que se radicam na Europa, Ásia e Austrália, pela poderosa e atual rede de comunicação eletrônica, e pela atuação conjunta dos setores de Esperanto do Conselho Espírita Internacional e da FEB.

Finalizamos esta pequena notícia com a afirmação de que, não obstante as dificuldades naturais no

serviço da difusão da Luz, os espíritas-esperantistas, sob os auspícios da Sociedade Lorenz e da FEB e usando o genial instrumento lingüístico que Ismael Gomes Braga chamou de Primeira Maravilha do Terceiro

Milênio, estiveram presentes em continente distante, entre irmãos de outras terras, de outras raças, culturas e religiões, mas todos irmãos perante o Criador, levando os princípios da Doutrina Espírita. ■

Trovas do Além

Trovas no dia de finados

O mais belo culto aos mortos,
No pesar que te alanceia,
Será fazer da saudade
Lenitivo à dor alheia

Não sei porque tanto choro
Quando a morte altera a vida...
Todo momento na Terra
Tem gosto de despedida.

Isolino Leal (Espírito)

Troboj en la tago de l'mortintoj

Afonso Soares

Plej bela kult' al mortintoj,
Ĉe l' tristeco de la koro:
El sopir' fari balzamon
Por aliula doloro.

Kial mi tre multe ploras,
Kiam vivon mort' difektas,
Se ĉia moment' surtere
Adiaŭe ja efektas?

Isolino Leal (Spirita)

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Trovas do Outro Mundo*. Diversos Espíritos. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, cap. 40.

El la libro *Troboj el la Transmondo*. Diversaj Spiritoj. Psikografie skribita Francisco Cândido Xavier. Ĉap 40. Eldono FEB.

Reformador no Centro Espírita

A FEB faz, mensalmente, remessa gratuita de *Reformador* aos Centros Espíritas de todo o Brasil, quer estejam ou não ligados às respectivas Entidades Federativas estaduais, com base no cadastro que possui.

Para que essa oferta atinja seus objetivos de divulgação da

Doutrina e do Movimento Espírita, solicitamos aos dirigentes dos Centros Espíritas que façam campanha de assinatura de *Reformador* junto aos seus trabalhadores.

Pedimos às Federativas que nos informem se as Casas Espíritas do Estado estão recebendo a Revista, assim como os nomes e endereços das novas instituições.



Espíritas de 33 países no Congresso de Paris

O 4º Congresso Espírita Mundial, que ocorreu em Paris, no período de 2 a 5 de outubro de 2004, reuniu espíritas de 33 países. Segundo dados parciais divulgados pelo organizadores do evento, dos 1.763 congressistas inscritos, 1.190 eram do Brasil. A segunda maior delegação foi a de Portugal, com 170 pessoas, seguida pela da França (155) e dos Estados Unidos (60). Pessoas de 40 cidades localizadas em 11 países participaram do evento pela Internet.

A programação iniciou-se às 19 horas do dia 2 de outubro, com uma apresentação, em quatro idiomas, que versou sobre o trabalho desenvolvido pelo Conselho Espírita

ta Internacional (CEI). O *Chorale Franco-Allemande* executou diversas canções, entre elas a Nona Sinfonia de Beethoven e o hino da Comunidade Européia.



O Secretário-Geral do CEI, Nestor João Masotti, declara aberto o Congresso; à sua direita, representantes dos países que integram o CEI



Aspecto parcial do Auditório

Na solenidade de abertura do 4º Congresso Espírita Mundial, o conferencista brasileiro José Raul Teixeira fez uma palestra que teve como tema *Allan Kardec, o Educador e o Codificador da Doutrina Espírita*. Durante a conferência, o médium Divaldo Pereira Franco recebeu, por via psicográfica especular (invertida), a mensagem em francês *Reconnaissance à Allan Kardec* (Reconhecimento a Allan Kardec), do Espírito Léon Denis.

O tema central do Congresso, *Allan Kardec – O Edificador de uma Nova Era para a Regeneração da Humanidade*, foi desenvolvido através de exposições em painéis sobre as cinco obras básicas da Codificação Espírita. Todos os temas incluíram sessões de perguntas e

respostas, das quais participaram os espíritas que assistiam o evento pela Internet. As exposições foram feitas por representantes de diversos países. Entre eles: Argentina, Juan Antonio Durante; Bélgica, Jean-Paul Evrard; Brasil, Alexandre Sech, Altivo Ferreira, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Alberto Ribeiro de Almeida, César Soares dos Reis, Décio Iandoli Júnior, Marlene Rossi Se-

verino Nobre, Marta Antunes Moura, Nestor João Masotti e Eduardo Carvalho Monteiro; Canadá, Leo Gaudet; Colômbia, Fábio Villarraga Benavides; Estados Unidos, Sônia de Quateli Dói e Vanessa Anseloni; França, Charles Kempf, Jérémie Philippe, Joel Ury, Michel Buffet, Karine Nguema, Michel Ponsardin, Roger Perez; Itália, Domenico Romagnolo; Panamá, Maria da Graça Simões de Ender; Portugal, Arnaldo Costeira, Porfírio Mário C. Lago; Guatemala, Edwin Bravo Marroquin; Paraguai, Carlos Campetti.

Uma Exposição sobre a Vida e a Obra de Allan Kardec mostrou roupas e objetos do século XIX, livros raros e curiosidades. Entre os objetos mais procurados estavam sete cartas inéditas do Codificador, cedidas pelo Instituto Canuto Abreu. Os documentos foram *scaneados* e traduzidos, pelo Conselho Espírita Internacional, para os idiomas inglês, espanhol e português.

Lançamentos do CEI

Uma outra mostra paralela ao Congresso – sobre o Movimento



Mesa que presidiu a solenidade de lançamento do selo comemorativo do Bicentenário de Kardec

Espírita no Mundo – contou com diversos *banners* que mostravam os principais fatos e personagens da história do Espiritismo nos países que integram o CEI. Livros espíritas em português, inglês, espanhol, francês e esperanto estavam à venda na livraria internacional. Os destaques foram as novas traduções lançadas pelo CEI. São elas *The Gospel According the Spiritism* (*O Evangelho segundo o Espiritismo*), traduzida por Janet Duncan, da Inglaterra; *Allan Kardec*, de Francisco Thiesen e Zêus Wantuil, traduzida para o francês por Pierre-Etienne Jay; e o livro *Pensamento e Vida*, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier, lançado em espanhol na Argentina. A tradução é de Marta Gazzaniga.

Durante o evento, o CEI disponibilizou edições de *La Revue Spirite* em inglês, francês, espanhol e esperanto. A publicação editada por Allan Kardec no período de 1858 a 1869 e que está sendo atualmente editada pelo Conselho Espírita Internacional e pela União Espírita Francesa e Francófônica, ganhou edição especial do Bicentenário de Kardec.

A FEB remeteu ao Congresso,

para distribuição, 2.000 exemplares da edição de outubro de *Reformador*, comemorativa do Bicentenário de Kardec. Outros órgãos da imprensa espírita brasileira também compareceram com suas edições especiais.

Emoção no encerramento do Congresso

A programação de encerramento do 4º Congresso Espírita Mundial foi precedida, às 16 horas do dia 5 de outubro, pelo ato simbólico de lançamento do selo emitido pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em homenagem a Allan Kardec.

O Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira, Altivo Ferreira, presidiu a solenidade. Além do selo, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos criou um carimbo especial do 4º Congresso Espírita Mundial. A solenidade incluiu a obliteração do selo pelo representante da Embaixada do Brasil em Paris, Primeiro Secretário Fernando Igreja; pelo representante de La Poste (a empresa postal francesa), Pascal Bladimiers; pelo



O Presidente da FEB e Secretário-Geral do CEI, Nestor Masotti, obliterando o selo

Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional (CEI), Nestor João Masotti; pelo Presidente da União Espírita Francesa e Francófona, Roger Perez; e pelo médium e conferencista Divaldo Pereira Franco.

A palestra de Divaldo Franco *A Difusão da Doutrina Espírita e seu Papel na Nova Era* foi assistida por uma platéia emocionada, que chegou às lágrimas ao final da conferência, quando iniciou a mensagem psicofônica do Espírito Bezerra de Menezes. Durante o evento, o médium José Raul Teixeira psicografou mensagens dos Espíritos Sylvino Canuto Abreu e Gabriel Delanne.

O Secretário-Geral do CEI encerrou o 4º Congresso Espírita Mundial convidando todos a um trabalho de multiplicação do clima de união e de fraternidade vivido no evento, através de intensa difusão da Doutrina Espírita durante as comemorações do Bicentenário, que se estendem até outubro de 2005.

Apresentações musicais

Na solenidade de encerramento do 4º Congresso Espírita Mundial, o coral “Vida e Luz”, da Irradiação Espírita Cristã, de Goiânia (GO), cantou diversas peças de compositores espíritas e não espíritas. A pianista Mariléia van Aglen executou a “Sonata ao Luar”, de Ludwig van Beethoven, e a “Ave Maria”, de Schubert.

Nos intervalos dos painéis foram apresentados números musicais por Denizard Gomes, Ana Ariel, Moacir Camargo e outros.

Mensagem de Léon Denis

Reconnaissance à Allan Kardec

La même année où Napoléon Bonaparte a été sacré l'Empereur des français, Hippolyte Léon Deni-

zard Rivail est né à Lyon le 3 octobre 1804.

Transféré du bûcher de Constance le 6 juillet 1415, pour les jours glorieux de l'intellectualité de Paris, Kardec s'est voué à l'apostolat de la Doctrine enseignée et prêchée par Jésus.

Sa vie et son ouvrage témoignent sa grandeur. – Missionnaire de la vérité!

Nous autres, les bénéficiaires de votre sagesse, vous remercions, émus, et vous demandons humblement: priez pour nous, vous qui êtes déjà dans le royaume des cieux!

Léon Denis

Tradução

Reconhecimento a Allan Kardec

No mesmo ano em que Napoleão Bonaparte foi consagrado Imperador dos franceses, Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lyon, em 3 de outubro de 1804.

Transferido da fogueira de Constança em 6 de julho de 1415, para os dias gloriosos da intelectualidade de Paris, Kardec dedicou-se ao apostolado da Doutrina ensinada e pregada por Jesus.

Sua vida e sua obra testemunham sua grandeza – Missionário da Verdade!

Nós, os beneficiários de vossa sabedoria, agradecemos, emocionados, e pedimos humildemente: orai por nós, vós que já estais no Reino dos Céus!

Léon Denis

Países presentes no Congresso

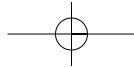
Alemanha – 19; Argentina – 6; Áustria – 3; Bélgica – 8; Brasil – 1.190; Canadá – 12; Cuba – 1; Colômbia – 4; Dinamarca – 2; Espanha – 13; Equador – 2; Estados Unidos – 60; França – 155; Filipinas – 1; Guatemala – 4; Holanda – 2; Honduras – 2; Inglaterra – 45; Itália – 6; Japão – 1; Luxemburgo – 4; México – 1; Noruega – 1; Polônia – 2; Panamá – 2; Porto Rico – 5; Paraguai – 2; Peru – 1; Polônia – 2; Portugal – 170; Suécia – 10; Suíça – 26; Uruguai – 1

Mensagem de Léon Denis

(Texto original)

ebro)6 mallet o saismaze)6
 ero)6 moilofa)6 io ienna emm)6
 aeb ruetorep)6 l'essa ite o stoop
 ime)6 maif)6 keloop)6 saismaze)
 e el moyp)6 er toe liovi)6 brog
 .H08T,relato)
 eb eréqua)6 al eb irefama)
 ruop)6 H08T,relato)
 etiloutellatni)6 ab quival)6 aruzjael
 -o l o iuaer o abro)6 birab)6 ab
 ierna er utab)6 al eb toltatop
 -ruap)6 roop iekier)6 la irop
 -it)6 eporep)6 moa teier)6 ab
 iaiell- ruemarp)6 ae tnenpism
 !it)6 Val)6 ab deiso
 serisij)6 en)6 el actua)6 aua)
 remer)6 aua)6 saap)6 aa)6 ortoer)6 ab
 -mam)6 ab)6 aua)6 tel)6 aumie)6 aua)
 ruop)6 geira)6: tnen)6 el)6 munt)6 aua)
 aua)6 i)6 ab)6 ete)6 iup)6 aua)6 aua)
 !ruig)6 aeb)6 er)6 moyp)6 el
 aine)6 kua)
 Divaldo Pereira Franco
 4º C.E.M. - Paris, 02/10/2004.

Nota: A mensagem está rubricada por Divaldo Pereira Franco, Nestor João Masotti (CEI) e Roger Perez (USFF)



Liberdade com o Espiritismo

No seio do pensamento fulgente da Doutrina Espírita, todos achamos motivação para encetar os passos da nossa verdadeira libertação. Com Allan Kardec, o alcandorado amigo e ínclito Codificador do Espiritismo, torna-se menos complexa essa azáfama para a manumissão anelada. O mundo seria mais leve, e a vida humana mais fácil de ser vivida se conseguíssemos entender e usufruir a sonhada liberdade.

Libertar-se-ia a Ciência com o pensamento espírita se, ao encontrar o agente de tudo, o princípio inteligente do Universo, o Espírito, se abstivesse de tudo atribuir somente aos fenômenos materiais, como princípio e fim de tudo. Verificaria, então, quão rica e grandiosa seria a visão científica, a partir do enriquecimento trazido pela constatação e valorização consciente do horizonte espiritual.

Libertar-se-ia a Filosofia por meio do pensamento espírita, quando pousasse suas reflexões, fosse qual fosse a escola de pensamentos sustentada, na realidade do ser imortal, ao conceber que o pensamento é atributo da alma. A partir disso, se tornaria mais simples a compreensão de que tudo quanto existe no campo da matéria densa não passa das elaborações da mente, do psiquismo do ser espiritual. Entenderia o filósofo, sob a profunda luz espírita, que há um caminho

menos agreste para a compreensão do ser e da existência, bem como o sentido de tudo isso, nos mundos disseminados pelos espaços.

Libertar-se-ia a Fé Religiosa ante o pensamento espírita, qual quer que fosse a sua linha interpretativa dos fenômenos da alma, ao observar seriamente e penetrar o conhecimento das leis da Natureza, base em que se apóia a estrutura espírita. Destronaria o interesse subalterno de dominação de consciências, valorizaria o trabalho de amadurecimento das consciências para a visão de Deus, o que aclararia a reflexão do crente para libertá-lo, por fim, da pieguice, do fanatismo, do fundamentalismo destrutivo.

Atido à grandeza do pensamento espírita, Allan Kardec apresentaria a Humanidade com a ensanchar de estabelecer a libertação das criaturas, graças ao conhecimento da verdade, o que confirmaria o ensinamento do Cristo Jesus.

Se o conhecimento que estamos angariando na vida não nos é capaz de libertar da sombra generalizada, sombra do intelecto, sombra do sentimento, sombra da moral, algo está em equívoco. Ou esse conhecimento não é a expressão da verdade, ou, então, de nossa parte, não estamos assimilando devidamente seus conteúdos.

É hora de despertar, nessa fase aziaga da experiência humana. Estamos perante o extravasar de loucuras sem dimensão; achamo-nos

diante das explosões do egoísmo; encontramos-nos submetidos a um tempo de graves pelejas provocadas por incontáveis almas aturdidas, infelizes em si mesmas, que pesam sobre o psiquismo terrestre, espalhando o seu infortúnio. É tempo de cuidados intensos para a inadiável marcha.

À frente de tudo isso, porém, raia o Sol portentoso do Espiritismo no cerne da Codificação de Kardec, que nos deverá aquecer e iluminar para a vitória, para a espiritual libertação.

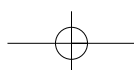
Agora, quando rendemos ao Mestre de Lyon as justíssimas homenagens pela contagem desses dois séculos de seu último berço no mundo, sob os céus que cantavam as pautas da liberdade, da igualdade e da fraternidade, unimo-nos em oração para agradecer ao Criador por esse ensejo e por nosso júbilo, júbilo da família espírita do mundo, reunida em Paris.

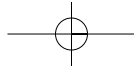
Saudamos, pois, o Codificador, por haver-se tornado para nós o instrumento da liberdade que o Cristo anunciou para a humanidade inteira.

Com os mais cordiais votos de progresso e de paz, sou o servidor de todas as horas, o sempre amigo

Gabriel Delanne

(Mensagem psicografada pelo médium Raul Teixeira, por ocasião da sessão de encerramento do 4º Congresso Espírita Mundial, em 5/10/2004, Paris – França.)





Um Natal decente

Richard Simonetti

Dizia querido confrade: – Não sinto nenhum prazer em festejar o Natal nas tradicionais reuniões familiares, mesa farta, tendo consciência de que há na periferia milhares de irmãos nossos passando fome.

E só conseguia tranquilizar a consciência depois de realizar ampla campanha, arrecadando recursos para distribuir dezenas de cestas básicas às famílias carentes.

Pelo menos aquelas que viesse a beneficiar teriam, segundo sua expressão, *um Natal decente*.

Se levássemos essa concepção às últimas conseqüências, teríamos que optar por uma, dentre duas situações extremas:

- Jejum coletivo.
Ninguém festejaria o Natal com comes e bebes. Se não é possível mesa farta a todos, que ninguém a ponha.
- Abençoado *dividir o pão*.
A nenhuma família carente faltaria a cesta básica de Natal, sob a égide da solidariedade.

Na atual conjuntura, neste mundo orientado pelo egoísmo e o apego à posse, nenhuma dessas possibilidades será observada em plenitude.

Raros renunciariam ao repasto natalino.

Problemático estendê-lo a todos.

...

Bem, leitor amigo, que tal se cogitássemos de uma situação intermediária, como faz o nosso confrade?

Se não podemos beneficiar todas as famílias carentes, por que não atender o maior número possível, somando esforços e recursos?

Há uma excelente iniciativa nesse particular: a Campanha da Cesta Básica do Natal.

Vem sendo promovida, anualmente, pelo Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru, do qual participo.

A fórmula é simplíssima e pode ser aplicada por qualquer instituição interessada em estimular o *Natal decente*.

Efetuamos um levantamento de preços para a composição da cesta, envolvendo gêneros de primeira necessidade e artigos natalinos, como panetone e uva-passa.

Fixado o valor, iniciamos a arrecadação, na segunda quinzena de novembro.

Abrimos uma lista de doações e solicitamos algo muito especial aos frequentadores: que não sejam meros contribuintes, mas *multiplicadores*.

Que se empenhem em sensibilizar amigos, familiares, colegas de trabalho e vizinhos, convidando-os a colaborar.

Cartazes são afixados em local apropriado, no Centro, e folhetos são distribuídos.

Os palestrantes contam histórias edificantes que enfatizam o significado do Natal, como um apelo à solidariedade, envolvendo a figura do Mestre excelso que renunciou às paragens celestiais e mergulhou na carne para nos ensinar a alegria de servir.

Na segunda quinzena de dezembro, após a apuração dos resultados, centenas de cestas são distribuídas pelos próprios voluntários que participaram da campanha.

...

Como você pode observar, amigo leitor, a iniciativa não exige nenhuma sofisticação e tem a vantagem de ser disparada no final do ano.

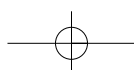
É um período mágico, envolvendo as circunstâncias do nascimento de Jesus, que sensibilizam os corações para o exercício da fraternidade.

A Campanha da Cesta Básica do Natal pede apenas o que exaltam os anjos, na proclamação celeste:

Glória a Deus nas alturas, paz na Terra aos homens de boa vontade.

Com boa vontade haveremos de realizar nossa ceia e confraternizar com os familiares, guardando a tranquilidade em nossos corações.

É aquela *boa paz* que nos felicita quando cumprimos nosso dever como cristãos, proporcionando aos irmãos em penúria algo do que pretendemos para nós, a começar pela bênção de um *Natal decente*. ■



Bicentenário de Kardec na FEB

Solenidade na Sede Seccional – Rio de Janeiro

Foto: Bel Pedrosa



Abertura da Solenidade: aspecto da Mesa

Com brilho e emoção ficaram assinaladas as festividades do Bicentenário de Kardec na Sede Seccional da FEB, no Rio de Janeiro, cujo rico programa desenrolou-se das 13 às 18 horas da sexta-feira, 1º de outubro, com a presença de aproximadamente 900 participantes.

A abertura solene, a cargo do

Diretor Affonso Soares, foi o momento para, em breve exposição, falar-se a respeito de outras realizações da Casa de Ismael em torno do evento, tais como a edição dos livros *Entrevistando Allan Kardec*, de Suely Caldas Schubert, *Allan Kardec – O Educador e o Codificador*, de Zêus Wantuil e Francisco

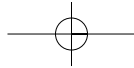
Thiesen, e da *Revista Espírita* dos anos de 1858 a 1865, em tradução de Evandro Noleto Bezerra, e, em associação com o Conselho Espírita Internacional, números especiais do mês de outubro da mesma *Revue*, em inglês e esperanto, e o DVD *Espiritismo – de Kardec aos Dias de Hoje*, com legendas nos idiomas alemão, espanhol, esperanto, francês, inglês, italiano, português e sueco.

Em seguida, para os participantes que lotavam o salão de conferências, foi exposto o filme do DVD, enquanto outros visitantes aguardavam, no salão térreo, a oportunidade de igualmente edificar-se com o belo conteúdo daquela produção artístico-doutrinária, em segunda projeção que ocorreria após a conferência da tarde.

Foto: Bel Pedrosa



Aspecto parcial do público presente à solenidade



Após a primeira projeção, todos os que ocupavam os dois espaços da Casa foram brindados com magnífica conferência proferida pelo ex-presidente da FEB, Dr. Juvânir Borges de Souza, a respeito da personalidade, vida e obra de Allan Kardec, em memorável sessão cuja mesa diretora, presidida pelo Diretor Arthur do Nascimento, ainda contou com a presença da escritora Suely Caldas Schubert, de Juiz de Fora (MG), e da médium, igualmente Diretora da FEB, Tânia de Souza Lopes, que, pela psicografia, intermediou comovente comunicação do Espírito Francisco Thiesen, antecessor de Juvânir Borges de Souza na presidência da Casa de Ismael.

O último item do programa esteve a cargo de Suely Caldas Schubert que, com o amor, a fraternidade e a simpatia que constituem traços marcantes de sua personalidade, autografou, para as centenas de pessoas que se deslocaram para o salão térreo, seu excelente livro *Entrevistando Allan Kardec*, por ela escrito especialmente como homenagem ao Bicentenário do Codificador.

A tarde do dia 1º de outubro de 2004 ficará para sempre assinada como um dos mais belos momentos em que espíritas de diversas localidades dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais se congregaram sob a fecunda inspiração da vida e da obra de Allan Kardec, no espírito de fraternidade, harmonia e concórdia que sempre serão a condição primordial, indispensável a todas e quaisquer manifestações realizadas sob a égide do Consolador prometido por Jesus. ■

Invocação a Jesus

Senhor Jesus, beneficiados pelo teu perdão, aqui vimos, aqueles que assumiram a responsabilidade de orientar a difusão de teus ensinamentos nesse planeta de expiações e provas, agradecer-te a bênção do Consolador revivido nos idos da França do século passado.

Por nós próprios, por nossas competências, bem pouco teríamos a dar, nesse trabalho coordenado pelo teu amor aos filhos do Caminho. Mas eis que o Espírito da Verdade faz reviver, para todos, os racionais ensinamentos da tua Doutrina libertadora, convocando-nos ao estudo que liberta e esclarece, à caridade que redime e engrandece aquele que a pratica, ao serviço de amor na humildade e no perdão...

Espíritos longamente comprometidos com os desvios morais por terem optado, no passado, pelos brilhos do mundo, compreendemos ser nossa tarefa principal a reeducação de corações e consciências à luz de teu mandamento maior, pois que não podemos amar a Deus se o orgulho nos assalta o coração, se o egoísmo nos fecha os olhos aos sofrimentos do próximo ou se a vaidade impede que a humildade guie as nossas mãos na tarefa a que nos chamaste.

Nesses momentos de jubilosa gratidão, em que nossa alma se põe de joelhos ante o teu coração amo-

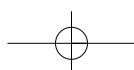
roso e bom, rogamos-te, Mestre, sustenta-nos os passos no trabalho que é Teu, somente teu, Mestre Amado de nossos Corações. Sem as bênçãos de teus ensinamentos, nada seríamos ou poderíamos realizar. Guia-nos a razão para que não cedamos aos convites do mundo para que enveredemos por seus caminhos tortuosos, nem venhamos a distorcer os princípios básicos dessa Doutrina benfazeja que hoje, como sempre, aclara o entendimento de nossas consciências a respeito das leis divinas que dão aos Seus filhos segundo as obras que realizem.

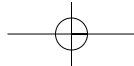
Hoje reunidos, na relembrança da presença de teu discípulo fiel entre nós, desse discípulo que se fez instrumento fiel de todo um amoroso planejamento com vistas ao estabelecimento de uma nova era para a Humanidade – a era do Espírito –, vimos todos, os dois planos da vida unidos pela mesma emoção de gratidão e júbilo pela graça que nos outorgaste, agradecer-te a oportunidade do serviço na seara cristã.

Ampara-nos, Mestre, e sê conosco, agora e sempre. Dá-nos a humildade na execução de nossas atividades no trabalho na Seara Espírita. Guia-nos o coração na vivência doutrinária, Senhor.

Francisco Thiesen

(Mensagem psicografada pela médium Tânia de Souza Lopes, em 1º/10/2004, durante a solenidade comemorativa do Bicentenário de Kardec, na Sede Secional da FEB-RJ.)





Direito e Justiça. Direito e Moral

Um conflito a resolver

José Carlos Monteiro de Moura

1. Giorgio Del Véchio, um dos grandes nomes da Filosofia do Direito, professor da Universidade de Bolonha, a mais tradicional e antiga da Europa, inicia sua obra clássica *A Justiça* (Ed. Saraiva, São Paulo, 1960, p. 1), lembrando as numerosas e graves disputas que se têm travado em torno da noção de direito, e realçando que “maiores todavia são as dúvidas e divergências que se movem em torno do conceito de *justiça*: umas vezes é tomado como sinônimo e equipolente do primeiro, outras vezes, pelo contrário, como distinto e superior a ele”. Destaca a verdadeira tautologia que se estabeleceu a respeito, afirmando que “sob certo aspecto, faz-se consistir a justiça na *conformidade com uma lei*: mas, por outro lado, afirma-se que *a lei deve ser conforme com a justiça*”.

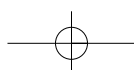
A questão é extremamente preocupante, e atinge indistintamente todos os ramos do Direito. Uma longa militância na área criminal, de um modo especial no Tribunal do Júri, permitiu-nos defrontar, vezes sem conta, com o terrível conflito entre o legal e o justo, pois o Júri, no Brasil, nos termos de sua competência constitucional, julga os crimes dolosos contra a vida (homicídio, induzimento, instigação ou auxílio a suicídio, infanticídio e o aborto), e as suas decisões, tanto absolutórias como condenatórias,

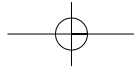
difficilmente podem ser tomadas como modelos de justiça. O latrocínio (matar para roubar), vulgarmente chamado de *assalto*, não integra esse rol, por ser crime contra o patrimônio. O julgamento de quem o comete é da alçada do Juiz de Direito.

2. As decisões do Júri podem apontar na direção de autênticas anomalias éticas, não obstante plenamente acobertadas, resguardadas e legitimadas pelo Direito. Além de ser um tribunal formado por leigos, aos quais estranhamente se submetem complexas indagações de direito, as suas origens não o recomendam. Alguns, como salienta Vicente de Paulo Vicente de Azevedo (*Curso de Direito Judiciário Penal*, Ed. Saraiva, São Paulo, 1958, vol. II, p. 176 e ss), vão encontrá-las na Grécia e em Roma. Na primeira, na instituição dos *heliastas*. Eram cidadãos, de nível inferior em cultura e educação, que julgavam ao ar livre (daí a denominação de *heliastas*, palavra derivada de *helios*, sol). Suas decisões mais notáveis foram o exílio de Aristides, por se acharem cansados de ouvir chamá-lo o justo, e a condenação de Sócrates a beber sicut, por idênticas e mesquinhas razões. Em Roma, os pesquisadores encontram traços comuns do Júri atual com os *judice jurati*. O modelo romano, a exemplo do brasileiro, adotava a faculdade de alguns

jurados poderem ser recusados. Porém, as razões das recusas não o dignificavam, porquanto ou o jurado se vendia por um preço tão vil que todos interessados podiam pagar e, por conseguinte, ninguém se sentia seguro quanto ao veredicto, ou a venda era por um preço tão alto, que só os ricos podiam beneficiar-se com suas decisões!

Todavia, as suas origens mais próximas remontam a 1215, quando o Quarto Concílio de Latrão aboliu as ordálias ou julgamentos de Deus. De acordo com essa forma de julgar, o acusado deveria provar a sua inocência mergulhando, sem dano, a sua mão em água ou azeite fervente ou colocando-a sobre um ferro em brasa, quando não se via forçado a submeter-se a um duelo, em que, normalmente, prevalecia a força ou a destreza, que nem sempre correspondiam à sua alegada inocência. Em face da proibição conciliar, os clérigos ingleses, invocando as tradições e crenças que dominavam os espíritos daquela época, criaram o Tribunal do Júri. A sua base repousa sobre a convicção reinante de que, assim como os doze apóstolos haviam recebido a visita do Espírito Santo, doze homens de consciência pura, reunidos sob a invocação divina, atrairiam infalivelmente a verdade para o meio deles. Da Inglaterra, ele passou para a França depois da Revo-





lução de 1789, como uma das formas de exercício da democracia. O Júri francês, no entanto, adotou critérios diferentes, seja no que se refere ao número de jurados, seja quanto à forma de julgamento. Foi nele que se inspirou a instituição hoje vigente no Brasil. Atualmente, entretanto, já não mais existe naquele país, tendo sido substituído pelo Escabinado.

O Brasil é um dos poucos países que ainda insistem em manter o Tribunal do Júri, erigido, inclusive, à condição de direito e garantia fundamental pela Constituição de 1988, repetindo velha tradição que vem desde a de 1946, direito positivo escrito.

3. A fragilidade e a imperfeição da justiça humana decorrem naturalmente de sua própria natureza. Dependem do grau de evolução moral de um povo e refletem aquilo que ele foi, ou é, num determinado instante de sua história. Daí a razão por que as chamadas noções prévias de direito e de justiça, embora inatas ao homem, estão, muitas vezes, eivadas de conceitos, preconceitos e conotações típicas da cultura popular, nem sempre consentâneas com a moral. Assim, o habitante do Brasil Colônia, da mesma forma do que ocorria em Portugal e na Espanha, não se insurgia, a não ser excepcional e esporadicamente, contra os verdadeiros descabros do *Livro Quinto das Ordenações do Reino de Portugal (Ordenações Filipinas)*, que vigorou entre nós, no que diz respeito ao Direito Penal, até 1830, quando foi editado o Código Criminal do Império.

O fanatismo e a ignorância religiosa, bem como o atraso cultural vigentes, influenciavam e definiam

os sentimentos de direito e de justiça predominantes na época, apesar dos absurdos que, aos nossos olhos, eles continham. Quando os autores espirituais da Codificação definiram a justiça em função do respeito devido aos direitos alheios, e informaram sobre as origens desses direitos (questão 875/875a, de *O Livro dos Espíritos*), estabeleceram duas fontes principais: a lei humana e a lei natural. A primeira acompanha os usos e costumes e os direitos dela decorrentes são mutáveis para melhor, na medida em que se verifica o avanço do progresso moral.

**No coração do
homem imprimiu
Deus a regra da
verdadeira
justiça**

São deles as palavras: “(...) Vede se hoje as vossas leis, aliás imperfeitas, consagram os mesmos direitos que as da Idade Média. Entretanto, esses direitos antiquados, que agora se vos afiguram monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. Nem sempre, pois, é acorde com a justiça o direito que os homens prescrevem.” (...)

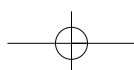
4. No entanto, mesmo à vista de todos os seus erros e deficiências, nenhum homem deixa de trazer consigo, no imo de sua alma, o germe da justiça, cuja essência é a lei natural: “(...) No coração do homem imprimiu Deus a regra da verdadeira justiça, fazendo

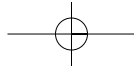
que cada um deseje ver respeitados os seus direitos.” (...) (Questão 876.)

Compete-lhe, pois, desenvolvê-la e aperfeiçoá-la, de modo a ensinar que o direito por ele elaborado seja o mais justo e honesto possível, e que se torne um efetivo instrumento da verdadeira justiça, conforme preconiza Gustav Radbruch (*Filosofia do Direito*, Coleção Stvdvivism, Arménio Amado, Editor, Coimbra, Portugal, 1961, p. 34), que o entende como “uma realidade que tem o sentido de se achar ao serviço da Justiça”. Todavia, conforme já visto, a justiça consiste “em cada um respeitar os direitos dos demais”, razão por que esse respeito somente pode ser devido quando o direito em questão estiver concorde com a ética. Não se cogita aqui de qualquer distinção entre ética e moral, como pretendem alguns. Tal distinção não existe, desde quando a palavra foi utilizada pela primeira vez por Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, e teve seu sentido referendado por Cícero ao dizer: “*quod ethos illi vocant, nos decet nominare moralem*” (o que eles chamam de ético, nós denominamos moral). Fora disso, prevalecerá a velha máxima romana: “*nom omne quod licet, honestum est*” (nem tudo que é lícito, é honesto [ou ético]).

5. Essa contradição ou oposição entre direito, justiça e moral estimulou o homem na procura de um fundamento superior para o primeiro, a fim de permitir-lhe sua adequação com o justo e uma melhor sintonia com o verdadeiro sentimento de justiça, que dormita nos refolhos de sua consciência.

Nessa busca, ele seguiu o ca-





minho do retorno a Deus como a principal fonte do direito, embora lhe fosse muito difícil conviver com o Deus antropomorfo, *feito à imagem e semelhança do homem*, portador, em grau superlativo, de seus erros e defeitos milenares. As leis, quase sempre injustas e arbitrárias, refletiam essa situação, porquanto, seguindo uma tradição que remontava aos primitivos agrupamentos sociais, imputava-se à divindade a condição de principal legislador. Assim, a mais antiga legislação conhecida – o Código de Hamurabi, que data do século XVIII a.C. – teria sido transmitida diretamente ao rei babilônico por Marduque, seu deus-sol; Zaratrusta afirma que recebeu suas leis, no cimo de uma montanha, diretamente de Ahura Mazda, e Moisés legou aos judeus os Dez Mandamentos como resultado de uma entrega direta que Jeová lhe fez, no alto do Sinai. O caráter divino do direito não impedia, contudo, que ele refletisse invariavelmente ou a vontade exclusiva do legislador ou o interesse de minorias privilegiadas. Tal fato acabou por implicar a falência do legislador divino. Deus estava, iniludivelmente, a serviço dos fortes e poderosos, e os mais fracos e socialmente menos favorecidos deveriam, curvando-se diante de sua caprichosa vontade, permanecer pacientemente nas suas sofridas situações. Somente lhes competia continuar servindo aos objetivos exclusivos de seus senhores, dentre os quais pontificavam, em todas as épocas e em todas as religiões, os membros da classe sacerdotal. Os deuses, de toda espécie e categoria, assim como seus pseudo-representantes na Terra, nada mais fizeram do que intimidar,

explorar e enganar o homem. O Catolicismo, paradoxal e contraditoriamente, foi a religião que mais se esmerou nesse mister. Desconheceu, com estranha e sistemática tendência, o Pai amoroso, justo e bom de que Jesus tanto falou, e cultivou o ser ciumento e vingativo, que pune “a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração daqueles que me aborrecem”, colocando-o sempre a serviço de interesses inconfessáveis daqueles que se arvoraram em seus dirigentes na Terra.

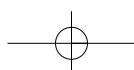
**Jesus reduziu o
Decálogo a dois
princípios
fundamentais:
o amor a Deus e o
amor ao próximo**

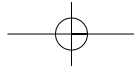
6. Essa situação criou um obstáculo, cuja transposição ou remoção somente começou a ser vislumbrada a partir do surgimento de uma nova mentalidade, formada e sedimentada em torno das noções de liberdade, solidariedade e fraternidade que o Iluminismo desenvolveu, e que propiciaram, no momento oportuno, a eclosão das *vozes do além*, conclamando o homem para o seu verdadeiro destino e retomando a idéia do Deus-Pai-Criador pregada por Jesus. Concomitantemente, no âmbito da Filosofia, a Teoria do Direito Natural, que havia despontado desde antes

da Era Cristã em Atenas, sustentava a existência de princípios absolutos, metapositivos, correspondentes às exigências fundamentais da natureza humana, deduzidos ou estabelecidos pela razão, anteriores e superiores ao governante e ao direito positivo, cujo respeito pelo legislador constitui pressuposto fundamental de um Estado justo. A teoria recebeu uma acolhida quase unânime dos pensadores, da Antigüidade aos nossos dias. Foi consagrada por Cícero na sua oração *Pro Milone*, em que a reputou um direito natural derivado da necessidade – *non scripta sed nata lex* –, admitida por São Tomás de Aquino, que, todavia, a desfigurou ao submetê-la à interpretação exclusiva da Igreja, e hoje encontra o apoio de notáveis nomes da Filosofia do Direito, como é o caso do já citado Giorgio Del Véchio.

7. Para nós, herdeiros da cultura judaico-cristã, o Decálogo constitui a “Constituição Divina”, porquanto nele se contém, sinteticamente, todo o ordenamento jurídico ideal. Jesus, o seu grande hermenêuta, reduziu-o a dois princípios fundamentais: o amor a Deus e o amor ao próximo. Entretanto, atento ao fato de que o homem ainda não estava, como ainda não está, preparado para conduzir-se na Terra apenas pela lei do amor, explicou, comentou e elucidou o sentido dos dois mencionados princípios no incomparável Sermão do Monte, estabelecendo normas de conduta, de claro e imperativo conteúdo, capazes de ensinar à Humanidade como aplicar a referida lei.

Mais tarde, Allan Kardec, assessorado e instruído pelos Espíritos Superiores, expôs, em língua-





gem acessível ao entendimento e assimilação de todos, os fundamentos filosóficos, sociológicos e jurídicos, que, no decorrer dos séculos, nortearam o pensamento dos que procuraram conceituar o Direito Natural. E, a exemplo do que outros já haviam feito, ele os identificou com a própria Lei Divina. Só que, desta feita, os argumentos e raciocínios apresentados se caracterizaram pela lógica, pela racionalidade e pela simplicidade, desprezando-se o apelo às elucubrações filosóficas e jurídicas, de compreensão limitada a um pequeno grupo de *iniciados*.

A Parte Terceira de *O Livro dos Espíritos* encerra em si tudo aquilo de que o homem necessita para, progressivamente, diminuir a imensa distância que ainda existe entre Direito e Justiça, Direito e Moral. A tarefa que originariamente competia ao Cristianismo executar, transferiu-se, a partir de 1857, para o campo mais restrito de seu segmento quantitativamente mais modesto, ou seja, o Espiritismo. As dissensões que marcaram a história cristã, aliadas aos excessos cometidos por Roma, a intolerância e o radicalismo que ela cultivou e adotou, projetaram-se, infelizmente, para o seio das Igrejas Reformadas, impedindo que o homem aprendesse a amar a Deus, ao invés de temê-lo, amar ao próximo, ao invés de tê-lo como adversário, competidor ou inimigo. Esta situação fomentou ainda mais o egoísmo, e o egoísmo, assim exacerbado, ensejou a elaboração de leis desumanas, cruéis, ambiciosas, eivadas de interesses de classes, imorais ou amorais, enfim, numa palavra, injustas. Pretender que, de um dia para o outro, o Espiritismo acabe com tal estado de

coisas configura incontestável utopia. Contudo, seus adeptos podem e devem contribuir, na medida de suas possibilidades e no âmbito de suas atividades, para que uma nova consciência seja formada, a fim de permitir que a Humanidade de

amanhã não venha a conviver com as injustiças de toda ordem, que ainda grassam na Terra, cuja fonte primordial ainda é, do ponto de vista social, esse malfadado e eterno conflito entre o Direito, a Justiça e a Moral. ■

Congresso Espírita Paraibano

O 4º Congresso Espírita Paraibano, que aconteceu de 3 a 5 de setembro, na sede da Federação Espírita Paraibana, em João Pessoa, teve como tema principal *Jesus e o Evangelho – Uma Esperança para a Humanidade*. O evento foi prestigiado por cerca de mil pessoas, de várias localidades do Estado e de capitais vizinhas, como Recife, Natal e Maceió. Contou ainda com a presença unânime dos coordenadores regionais do Estado, contemplando a representação de todos os municípios paraibanos no evento.



Divaldo Pereira Franco

O Congresso teve como participações especiais: Divaldo Franco e José Raul Teixeira. Divaldo ministrou o seminário *Lições para a Felicidade*, dividido em três módulos, além de realizar a conferência *A Felicidade à Luz da Doutrina Es-*

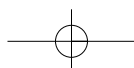


Raul Teixeira e José Raimundo de Lima

pírita. Já Raul Teixeira ministrou o seminário *Nos Passos de Jesus*. Ele também proferiu a conferência de encerramento do evento, com o tema *Nossos Compromissos com Jesus*.

A conferência de abertura, sobre o tema central *Jesus e o Evangelho – Uma Esperança para a Humanidade* foi realizada pelo Presidente da Federação Espírita Paraibana, José Raimundo de Lima. Foram oferecidas quinze oficinas com grupos temáticos baseados no tema central.

Os participantes do evento puderam ainda visitar a exposição *O Espiritismo na Mídia*, montada no hall de acesso ao Auditório da FEPB. Foram quinze painéis, com uma amostragem do que representa a larga escala de divulgação do Espiritismo na Mídia, na última década. ■



SEARA ESPÍRITA

Bahia: Encontro Estadual de Espiritismo

A Federação Espírita do Estado da Bahia promove no Centro de Convenções da Bahia, de 5 a 7 deste mês, o Encontro Estadual de Espiritismo 2004, em comemoração ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, com o tema central *A Contribuição Espírita no Século XXI*. A palestra de abertura, na noite de sexta-feira (dia 5), será sobre *Allan Kardec e a Origem da Doutrina Espírita*. A programação dos debates constará de sete eixos temáticos, a serem trabalhados durante o sábado (dia 6). No domingo, serão proferidas palestras, cujos conteúdos farão uma conexão entre o trabalho do Codificador e a situação atual do Movimento Espírita.

Câmara Municipal de São Paulo homenageia Kardec

Realizou-se no dia 22 de setembro, às 15 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, uma Sessão Solene em comemoração aos 200 anos de Nascimento de Allan Kardec, com a presença de dirigentes, trabalhadores e freqüentadores das Instituições Espíritas da Capital e do Interior do Estado.

Paraguai: Encontro Espírita Paraguio

O Movimento Espírita Paraguio promoveu em 10 e 11 de setembro, no Salão de Convenções do Hotel Excelsior, de Assunção, o 1º Encontro Espírita Paraguio, em homenagem ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec. O tema central – *Pela Educação e Reforma Moral da Humanidade* – foi desdobrado, através de palestras, nos subtemas *Existência de Deus, Jesus, Guia e Modelo da Humanidade, Comunicabilidade dos Espíritos, Lei de causa e efeito, Imortalidade da alma, Pluralidade dos mundos habitados e Pluralidade das existências*.

Paraná: O Presidente da FEB na Federativa paranaense

A Federação Espírita do Paraná comemorou, nos dias 28 e 29 de agosto, os 102 anos de sua fundação, com a presença do Presidente da FEB, Nestor João Masotti, que, na manhã de sábado, dia 28, fez uma exposição sobre os desafios que o Movimento Espírita deve

enfrentar; depois, acompanhou a reunião do Conselho Federativo Estadual e participou do seminário “A Estrutura Didática de *O Livro dos Médiuns*”, realizado por Cosme Bastos Massi. Na manhã de domingo, Nestor Masotti proferiu palestra no Teatro da FEP, com abordagem do tema *Allan Kardec e a Codificação*.

Conselho Federativo Nacional

O Conselho Federativo Nacional, da FEB, realiza em Brasília (DF), nos dias 19, 20 e 21 deste mês, sua Reunião Ordinária de 2004, com a participação de Presidentes e Representantes das Entidades Federativas e Especializadas que o integram, para tratar dos assuntos relacionados com as atividades federativas e de unificação.

Porto Alegre (RS): Bicentenário de Kardec na Assembléia Legislativa

Ocorreu no Auditório Dante Barone, da Assembléia Legislativa do Estado, em 28 de setembro, uma programação intensa em homenagem ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec. O foco principal da solenidade foi a divulgação do “Projeto Conte Mais”, desenvolvido pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul, o qual é composto de livros infanto-juvenis que contêm histórias de educação moral. O evento foi realizado em parceria com a Assembléia Legislativa do Estado, o Hospital Espírita de Porto Alegre, a Associação Médico-Espírita do Rio Grande do Sul e a Associação Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul.

França: Homenagem a Kardec em Lyon

Duas placas homenageando Allan Kardec foram afixadas no dia 20 de setembro em Lyon, onde nasceu o Codificador do Espiritismo: uma na *Rue Sala*, em frente o Hotel Sofitel; a outra, perto do Rio *Rhône* (Ródano), sendo esta uma réplica da que foi instalada na Praça Prof. Rivail, Praia de Piratininga, em Niterói (RJ), com o logotipo do Bicentenário de Kardec, aprovado pelo Conselho Federativo Nacional, da FEB. As placas foram descerradas no mês de outubro. As iniciativas tiveram o apoio da *Union Spirite Française et Francofone* e do Conselho Espírita de Unificação de Niterói e Maricá. (SEI)